ESTADOS-UNIDOS

E

NORTE-AMERICANOS

BAZAR FRASCINO
RUA SÃO CAETANO. 94
Telephone Cidade 346
NICOLAU FRASCINO
Grande sortimento de livros uzados, em branco, romances, objectos de escriptorio e escolares.
S. PAULO

JORGE SECKLER & C.
SÃO PAULO

ESTADOS-UNIDOS

E

NORTE-AMERICANOS

ACOMPANHADO DE ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE A

IMMIGRAÇÃO CHINEZA

NO IMPERIO DO BRAZIL

POR

JOSÉ CUSTODIO ALVES DE LIMA

Engenheiro Civil pela Syracuse University, Syracuse, Estados-Unidos; membro da *Alumni Association* da mesma Universidade; autor do pamphleto "*Brazil, its social, political and commercial relations with the United States*; ex-redactor da *Aurora Brazileira*, Syracuse, Estados-Unidos e Engenheiro Fiscal da Companhia de Estrada de Ferro Sorocabana, nesta provincia

SÃO PAULO

TYPOGRAPHIA A VAPOR DE JORGE SECKLER & C.

1886

DEDICATORIA

Ao meu presado Tio e amigo o Snr.

DR. AUGUSTO CINCINATO DE ALMEIDA LIMA

Como poderei corresponder a tantas provas de amizade, que me tendes dispensado? Ao menos, consenti, como signal de gratidão, que eu escreva neste pequeno livro, fructo das minhas pesquizas, o vosso nome, que comquanto modesto, vale por muitos, pois traz comsigo o cunho da lealdade e da honradez.

O AUTOR.

PREFACIO

AO LEITOR

Em 1873 e 1881, fiz duas viagens aos Estados-Unidos; em a primeira vez com o fim de recomeçar meus estudos e em a segunda para estudar as vantagens da immigração chineza, dando applicação immediata ao nosso paiz.

Não sei se minha cara patria alguma cousa lucrou com essas duas viagens; em todo o caso, sem a menor pretenção e a pedido de amigos a quem muito prezo, lanço aos ventos da publicidade este pequeno livro que algum merito poderá ter pelo lado das informações.

Sympathiso cordialmente com os Norte-Americanos, mesmo porque nas veias de meus filhos corre o sangue d'aquelle povo, portanto se algum exagero notar o leitor, na apreciação que faço d'aquella nacionalidade, que o leve em conta da affeição que por ella tenho.

José Custodio Alves de Lima.

Tieté, S. Paulo —Outubro, 20, 1886.

DO RIO DE JANEIRO A NEW-YORK

CAPITULO I

Partida.—Viagem em paquetes americanos.—S. Thomaz.—Trabalho dos negros.—Tempestade no Golpho.—Companhias Garrison e Roach.—Relações commerciaes entre o Brazil e Estados-Unidos.—Chegada em New-York.

Em Janeiro de 1873, o autor destes apontamentos era, no Rio de Janeiro, um simples estudante de preparatorios. Nesse tempo cartas de minha familia convidavam-me a estudar engenharia civil nos Estados-Unidos. Acceitei o alvitre de meu caro pai com a maior alegria, por isso que um horisonte mais vasto abria-se ás minhas aspirações de moço.

A 20 de Janeiro daquelle anno tomava eu o vapor *Ontario,* que com o *North America, South America* e *Merrimack,* faziam o serviço regular entre o Rio e New-York.

Uma viagem abordo de navios norte-americanos ou inglezes não é das mais agradaveis áquelle em cujas veias corre o sangue latino. Como companheiros de viagem é bem natural que elles não nos sejam tão agradaveis como o Francez, o Hespanhol, o Italiano e até mesmo o Allemão. Parece-me que os Inglezes e seus descendentes, espalhados nas cinco partes do globo, vieram ao mundo sómente com o fim de se divertirem entre si mesmos. Os seus modos, a sua educação, a sua maneira de tratar estranhos causam sempre má impressão no espirito de todos que se põem com elles em contacto. Poderá, portanto, o leitor avaliar quanto soffri e quanto lamentei achar-me ausente de meus irmãos de nacionalidade, quando pela ultima vez perdi de vista as plagas brazileiras.

Deixando-se Belém, o primeiro porto em que ancoramos para o recebimento de carvão e viveres foi S. Thomaz, edificado sobre uma pequena eminencia na ilha do mesmo nome.

S. Thomaz, como os leitores devem saber, é uma possessão dinamarqueza, comquanto pequena em superficie, isto é, (quinze milhas de extensão sobre cinco

de largura), contém uma grande quantidade de terreno fertil e arado. Os seus habitantes dependem, quanto á subsistencia, da ilha visinha de Porto-Rico, isto é, gado, gallinhas, fructas e vegetaes. Antes da abolição da escravidão, S. Thomaz não só deixava de importar de Porto-Rico o que ora importa, como até produzia no seu sólo muito assucar, melado e aguardente para exportação. Dando-se um pequeno passeio fóra da cidade, como o fiz, tive occasião de observar, com pezar, lembrando-me do Brazil em algumas provincias, fazendas bem montadas em estado de abandono. Os negros que hoje são livres e que não dão o devido valor á liberdade que os brancos lhes concederam, deixáram as fazendas e hoje agglomeram-se na cidade e aldeias. Algumas cabanas aqui e acolá ainda acolhem esses miseraveis fructos do trafego africano, sustentando-se de fructas silvestres, raizes e roubos. Quando estes recursos falham, vão á cidade e obtêm emprego com a maior facilidade. Uma vez na posse de algum dinheiro, dormem um mez para accordarem com a pobreza na porta. E assim vivem. E o que se ha de esperar de uma raça acostumada na escravidão desde longos annos, sem outro estimulo senão o medo e o latego do senhor?

S. Thomaz, pela sua excellente posição geographica, posto que ás vezes sujeita a violentos terremotos, é cidade muito activa em commercio, sendo a escála dos lindos e grandes paquetes francezes e inglezes que fazem a permuta de generos e mercadorias entre a Europa e as Antilhas, incluindo o Mexico e America Central. Os navios acossados pelas tempestades encontram sempre em S. Thomaz bom abrigo.

O trabalho de carregar e descarregar navios fornece serviço a centenares de negros e negras. Muitos delles são intelligentes, com conhecimento regular de tres a quatro linguas estrangeiras e de concertos de navios. Em geral são bem pagos, regulando 2$500 por dia em prata, moeda brazileira.

O supprimento de carvão aos navios é feito exclusivamente por negras e é quasi inacreditavel que ellas possam fazer tanto serviço. Quando o *Ontario* estava prompto para receber carvão, essas negras que bem se pareciam com uma *correicção* de formigas, depositavam no *Ontario* em um dia 300 toneladas. Cada uma dellas, á moda brazileira, trazia sobre a cabeça uma cesta, cujo carvão alli contido não

pesava mais de oitenta libras. Vinham todas em uma fila, e logo que depositavam o carvão, tomavam outra prancha para não interceptarem o caminho dos que vinham em direcção ao *Ontario*.

As mulheres em S. Thomaz, com especialidade as de sangue negro, são realmente disformes, tudo em consequencia da falta de moralidade que alli prevalece. Como nas Antilhas, principalmente as Inglezas, que têm por metropole a nação que se considera a mais *moralisada* do mundo conhecido, as mulheres vagam pelas ruas, não usando o menor decoro no seu fallar e acções.

O que agrada muito ao estrangeiro, acostumado com as leis do proteccionismo e altas tarifas, é a sua não existencia em S. Thomaz, onde tudo póde se comprar por um preço muito baixo. Roupa, calçado, charutos, são objectos de que em geral os passageiros se munem quando desembarcam em S. Thomaz e que nunca acreditam no adagio: «O superfluo, posto que barato, é caro».

De S. Thomaz a New-York tivemos uma passagem bem desagradavel em consequencia das correntes do golpho do Mexico. O navio, posto que forte e bem

proporcionado, jogava tanto que não havia dia que não houvesse encontrões e tombos. Ora, era um passageiro enjoado que cahia ao subir a escada, outras vezes um *green waiter* que escolhia de proposito o peito da camisa de um passageiro para reservatorio de um prato de ensopado de gallinha.

Devo aqui dizer que com os contratos posteriormente celebrados entre o Governo Imperial e os Srs. Roach e Filho, melhoraram sensivelmente as relações entre o Brazil e os Estados-Unidos.

Os vapores de hoje como o *Finance*, *Advance* e *Alliançe*, comquanto menores, são mais velozes e não cobram os fretes excessivos como a antiga companhia Garrison. Suas accommodações são esplendidas, e não só fazem agora escála pelo Maranhão, que os outros vapores da extincta companhia não faziam, como até entram no porto do Recife.

Na primeira viagem que fiz, paguei pela minha passagem a *insignificante* quantia de 225 dollars, ao passo que hoje, só paga-se 150 dollars e com as excellentes accommodações que não gosavam-se outr'ora.

A companhia Garrison chegou a cobrar um dollar por pé cubico de New-York ao Rio. Isto explica em parte o limitado commercio que naquelle tempo existia entre este paiz e a União.

Mr. Slocum, commandante do *Ontario*, pôde, com o seu portuguez muito rebelde, fazer-me entender, que no principio das suas viagens para o Brazil, eram as cargas dos Estados-Unidos tão diminutas para aquelle que atopetavam os vapores de carvão para lastro. Foi mais tarde que wagons, machinas, arados, locomotivas e diversos motores destinados a outros fins uteis, começaram a entrar para o nosso paiz que ántes tudo recebia da Inglaterra.

Hoje felizmente as nossas relações commerciaes estão em melhor pé, e por mais que a Inglaterra trabalhe, é impossivel que em pouco tempo, ella não perca um dos seus freguezes mais honrados e pontuaes como tem sido o Brazil.

A grande opposição levantada ultimamente pelos inglezes contra a immersão de um cabo submarino que ponha em communicação rapida os dous colossos da America, é um indicio de que a supremacia commercial dos Norte-Americanos,

no Brazil, muito brevemente se converterá em realidade.

Finalmente, depois de 7 dias de viagem muito desagradavel e debaixo de um denso nevoeiro, á entrada da bahia, o *Ontario* entrava no porto de New-York. Duas horas depois, o paquete içava o pavilhão auri-verde, como prova que vinha das nossas longinquas paragens.

CAPITULO II

New-York.—Sua bahia e importancia commercial.—O phenomeno-miragem.—Hoteis americanos.—Policia da cidade.—População.—Trens aereos.—Imprensa diaria.—Central Park.—Broadway.—New-York e as cidades européas.—Embriaguez.—O domingo na cidade.—Influencia européa sobre os costumes americanos.

A cidade de New-York é incontestavelmente a primeira praça commercial da America e uma das primeiras do mundo. Logo que se chega em Sandy Hook quando toma-se o pratico e mais tarde a policia, é que se começa a ver New-York, em primeiro logar os seus lindos arrabaldes e depois parte do coração da cidade. Em certas occasiões observa-se um phenomeno curioso, que é o da miragem e por mim presenciado. Os edificios parecem, usando de uma phrase commum, estar de perna para o ar e o re-

flexo, principalmente durante o inverno, do sol sobre a agua é de tal magnificencia, de côres tão bonitas que não ha pincel de artista que as imite.

Pela primeira vez vi a cidade de New-York, justamente quando não devia vêl-a, pois fazia alli um frio difficil de ser tolerado por quem havia deixado a bocca do Amazonas havia quasi duas semanas. Luctei com difficuldade durante o meu desembarque; chegava a uma cidade (posto que vasta) onde pouco se fallam linguas estrangeiras, ainda mesmo a franceza. Depois que despachei minha bagagem na alfandega, encontrei logo á porta um individuo que fallava hespanhol, o qual levou-me ao seu hotel, e ahi suspirei protestando nunca mais viajar em paiz estranho sem primeiramente conhecer a sua lingua. E hoje, que me acho livre de qualquer perigo, dou esse conselho aos meus amigos que viajarem nos Estados-Unidos, para que não deixem de estudar primeiramente a lingua, para assim ficarem habilitados a dar idéa exacta e imparcial do desenvolmimento daquelle paiz.

Mas continuando minha narração, desconhecendo naquelle tempo os hoteis sumptuosos e commodos, daquella cidade,

como o Quinta Avenida, Gilsey, Brunswick e o Windsor, tomei aposentos em um hotel hespanhol, onde realmente passei quatro dias bem alegres, conversando e partilhando das refeições á moda brazileira. Alli encontrei-me com varios moços do Perú, Chile e de Cuba, uns desterrados por suas opiniões politicas, outros que iam seguir cursos scientificos naquelle paiz. A' tarde do primeiro dia que desembarquei em New-York, assentei de dar um pequeno passeio, não pretendendo me affastar muito dos limites da minha residencia; é tal, porém, a uniformidade das ruas e casas da metropole americana que eu, e mais um companheiro de Pernambuco, andamos perdidos seguramente duas horas. Perdidos e teritando com um frio de cortar a pelle. O receio maior para mim era sermos roubados por aquelles afamados ladrões das grandes cidades. Andavamos de um lado para outro sem rumo, mesmo por causa do abaixamento da temperatura que não nos permittia estarmos parados.

Debalde dirigia-me, por signaes, aos policiaes pedindo que me dessem informações do hotel Espanhol e nenhum delles podia informar-me! Fiquei crendo, e eté hoje mais me convenço, que a policia de

New-York é instituição de segunda ordem, inferior não só ás de Londres, como de muitas cidades européas e americanas que procuram attenuar os apuros de um estrangeiro nas condições em que me achava.

Custa a crêr que homens que tomam a seu cargo velar pela segurança publica e conforto dos estrangeiros que alli chegam, não conheçam os seus principaes hoteis. E caso não me entendessem de todo, nada custaria a esses policiaes levar-me a uma estação policial proxima e lá procurarem um interprete que explicasse o que eu queria. Graças a um digno Cubano que tinha uma charutaria no Broadway (rua larga), pude com facilidade chegar ao meu hotel, extenuado de cansaço e ancioso por um leito bem quente.

Durante a minha estada em New-York, que foi muito curta, visitei dous ou tres theatros, ruas como o Broadway e parques como o Central e o da Quinta Avenida, com um magnifico hotel, onde hospedou-se pela primeira vez o imperador do Brazil.

A impressão que n'essa occasião tive de New-York póde ser tomada neste sentido: Cidade de mais de 1.000,000 de habitantes, com ruas largas e edificios mais notaveis pela sua solidez do que pela elegan-

cia, ruas e cantos cortados por milhares de trilhos de *bonds* e outros tantos passando por cima das nossas cabeças, assentes sobre guarnições de ferro (refiro-me aos Elevated Railways); uma população febril, que não anda, mas corre, centro do jornalismo diario mais apurado e mais emprehendedor do paiz, a primeira praça commercial da America; eis New-York mais ou menos descripto por um tourista.

Não ha seguramente rua de mais movimento, em todo o mundo civilisado, do que o Broadway, que sahindo de Battery atravessa a praça da Camara Municipal, onde são vistos o correio e os escriptorios dos jornaes como o *Times, World, Tribune Scientific American* e outros luzeiros da pujante imprensa americana. O Broadway, deixando essa praça, atravessa a parte de mais movimento da cidade, sendo até preciso ahi andarem os carros a passo por horas consecutivas. Pouco adiante está o Madison Square, o parque da Quinta Avenida, procurado para residencia das familias mais aristocraticas da localidade. Chega-se depois ao Central Park continuando ainda fóra dos limites da cidade.

O Broadway que é incontestavelmente a rua de mais transito de que ha noticia, não havendo mesmo em Londres uma só

que a exceda nesse genero ; faz por mais de uma legua de extensão angulo recto com uma immensidade de ruas que são numeradas : 1.ª rua, 2.ª rua, Este, etc. ; 1.ª rua, 2.ª rua, Oeste de Broadway, etc. ; de modo que torna-se mui facil ao estrangeiro visitar toda a cidade com as explicações que aqui deixo exaradas.

Comquanto New-York tenha todos os dotes de uma cidade civilisada, como bons theatros, jornaes, musêos, bibliothecas, importantes estabelecimentos de instrucção, etc., todavia é cidade que não póde attrahir muito a visita de Brazileiros que preferirão as capitaes da Europa, porque ellas com sua civilisação e educação social os convidam mais.

Em New-York poderão gozar Americanos e Inglezes, porém não povos de procedencia latina. O Brazileiro que vai a New-York e que não está acostumado com o caracter brusco do Americano, logo fica nervoso e arrependido de não ter ido á Europa, onde as cidades offerecem mais prazer e divertimento.

Apezar de serem as ruas de New-York excessivamente largas, é tal a quantidade de povo, que alli vive-se aos encontrões e aos empurrões. Um transeunte que piza-lhe no pé ou faz-lhe cahir o chapéo no passeio,

vai continuando o seu caminho sem dar a menor satisfação.

Nas ruas mais distantes da cidade o aspecto das casas é o mais lugubre possivel. Vêm-se ruas inteiras de casas de uma só côr (parda), que não deixam de entristecer bastante aquelle que está acostumado com o systema de construcção e aformoseamento das casas na Europa e mesmo no Rio de Janeiro.

Os materiaes mais importantes alli usados são o granito, a pedra areenta, o cimento e o tijolo; e este é tão bem feito (os melhores vêm de Philadelphia) que, quando promptas as paredes com este material, não vale a pena cimental-as.

O que envergonha muito a New-York, como a todas as cidades do Este, não exceptuando a puritana cidade de Boston, é o vicio da embriaguez, que se não é observado pelo estrangeiro que visita o paiz *á vol d'oiseau*, o é, todavia, por aquelle que alli vive e tem occasião de sondar, no intimo da familia e das conversações, suas boas ou más qualidades.

Em New-York bebe não só o pobre como o rico.

Isto, porém, não quer dizer que no paiz não exista uma classe aliás numerosa de

amadores de vinho, mas que o bebem com moderação.

Ha, porém, no paiz duas classes propriamente dadas á embriaguez:

1.ª, os que bebem á vista do publico e não dissimulam suas faltas: 2.ª, os que prégam a temperança e conservam todos os annos em suas casas o miseravel *whiskey*, sem que ninguem disto saiba.

Pelo que acabo de dizer, facto por mim observado, verá o leitor que é mania do Americano tornar-se hypocrita aos que não o conhecem.

Um domingo em New-York, em qualquer cidade da União, excepto nas do sul, como Memphis, Nova-Orleans, etc., é o dia mais triste e monotono que tenho visto na minha vida. Todos os armazens, bodegas, theatros e quaesquer logares para divertimentos publicos, estão fechados nesse dia que elles consideram o do Senhor. Na apparencia o domingo é guardado, pois tudo é silencioso, mas, de facto, nesse dia, *involuntariamente* commettem-se mais crimes e villanias do que em outro qualquer. Nesse dia a classe baixa, ás *escondidas,* reune-se nas bodegas onde nunca tem fim os *treats* e as blasphemias. A classe alta bebe com decencia, mas o effeito é o mesmo. Convém notar

que este horrivel vicio tem encontrado opposição vigorosa por parte das senhoras americanas, que não poupam opportunidade para exprobrarem aos homens o seu máo procedimento e o caminho escabroso em que vão conduzindo a grande Republica.

Mas a tendencia do Americano é sempre ir para diante, e nunca para traz.

Os vapores que sahem todos os dias para Europa, levam sempre uma grande quantidade de *touristes* americanos que estudam com muito interesse a Europa. Por certo que elles não se deixão insuflar, como nós, pela politica e costumes europeus; mas aproveitam sempre, por isso que, quando d'alli voltam, já vêm com os costumes mais adoçados, pois já não bebem com excesso, nem mascam fumo, assim como deixam aquelle habito inveterado de pensarem que tudo que ha de bom e melhor só se encontra nos Estados-Unidos.

Faço estas considerações annos depois de ter visto New-York, mas julgo bem cabidas até hoje as observações que faço sobre a grande metropole americana.

Em poucos dias deixava New-York para encetar meus estudos academicos.

CAPITULO III

Viação Americana em parallelo com a da Europa—Instrucção e descentralisação do ensino—Autonomia e vida propria das cidades e villas—Charlatanismo.

Para chegar ao logar que eu tinha escolhido para encetar meus estudos, que ficava a 300 milhas de New-York, tive occasião de viajar pela primeira vez n'uma estrada de ferro americana.

Foi no *Erie Railway*, onde James Fiske tanto celebrisou-se como presidente e mais tarde victima do odio de Stokes o assassino; que pela primeira vez entrei em um wagon americano.

Em um paiz tão vasto como os Estados-Unidos, com uma população de 45.000,000 apenas, é bem de esperar que suas estradas não sejam construidas com o mesmo

esmero das da Europa. Notei, por exemplo, na Inglaterra e na França que as estradas dispõem sempre de viaductos para as estradas de rodagem que cortam a angulos-rectos, prevenindo assim accidentes que podiam se dar facilmente á noute.

Os Americanos, posto que fazendo correr trens á noute, ainda não precisam de tanta cautela pelas razões que dei acima.

O que admirei alli foi o trem rodante que é em todos os respeitos superior ao europeu, pelos commodos e pela liberdade que fornece aos passageiros.

Os Americanos estabelecem um regulamento e esperam que os passageiros o cumpram e nunca se lembram de fechal-os nos wagons como se faz na Europa, e em quasi todas as estradas de ferro do Brazil. O passageiro com o seu bilhete póde passar de uma extremidade a outra do trem, sem que o conductor lhe faça a menor advertencia. Quando chega a noute, o passageiro com um dollar ou dous, conforme a distancia, vê logo uma boa cama improvisada com todos os commodos possiveis e onde passa a noute soffrivelmente. Perto fica um magnifico lavatorio de marmore ornado de bons espelhos, com todos os seus pertences, para fazer pela manhã o

seu *toillete*. Quando accorda, encontra perto o seu par de botinas já escovado, dando-se em geral ao criado 10 a 15 centavos pelo serviço.

A refeição americana, quando em viagem, é regular, mas sempre é melhor nos trens de longo percurso como nas estradas para Omaha, S. Francisco, de cujo assumpto hei de me occupar em outro capitulo.

O café servido por Americanos tambem é pessimo, basta que explique o processo para concordarem commigo. O café sempre exposto ao ar, nos armazens, é deitado em pó em um vaso com agua fria, depois de fervido o liquido é logo servido como bebida. Convém notar que o processo brazileiro está alli se introduzindo depois que um digno Brazileiro o Sr. Rezende abrio um café dentro dos limites da Exposição de Philadelphia em 1876.

Uma viagem em estrada de ferro americana para quem maneja bem o inglez não deixa de ser muito agradavel. Fuma-se, e lê-se no wagon o que ha de melhor e instructivo dos periodicos americanos. O passageiro tem sempre á sua disposição *Heralds*, *Times*, *Tribunes*, *Scribners*, *Harpers*, e romances quer originaes quer vertidos do francez e do allemão. De modo

que uma viagem de 10 a 12 horas não é muito fatigante.

Um espectaculo ainda mais agradavel se apresenta ao estrangeiro, o de encontrar sempre dos dous lados da linha ferrea o progresso americano representado por um cem numero de industrias, provocando a admiração de todo aquelle que venha mesmo do paiz mais adiantado da Europa.

Foi sob taes impressões, que aliás ainda conservo, que deixei o wagon americano onde havia estado mais de dez horas consecutivas.

Para quem está acostumado com instituições européas e brazileiras, indo para os Estados-Unidos logo pensará que nas grandes cidades como New-York, Philadelphia, Boston, Chicago, Baltimore devem achar por força tudo que ha de melhor em melhoramentos moraes e materiaes; que sómente nestas cidades, pela sua população e influencia, devem estar concentradas todas as forças da grande republica. Mas não é assim: o leitor verá o contrario do que se vê no nosso paiz.

Nos Estados-Unidos, fallando com especialidade dos Estados do Norte, a instrucção e a industria estão de tal modo equi-

libradas que nenhum Estado dos 38 que lá existem, póde chamar a si toda a gloria, todo o prestigio que costumamos dar aos Estados-Unidos.

New-York é, com effeito uma cidade importante, de grandes recursos, dispõe de uma população de quasi 1.000,000 de habitantes e de um commercio vastissimo, mas nem por isso ella é superior a Boston no que toca á educação primaria e secundaria. New-York dispõe de uma grande população de gente turbulenta, mal educada, ao passo que Boston já conta uma em geral de melhor trato social e de uma educação fina, como não se encontra no geral da população dé New-York.

Com effeito nesta ultima cidade encontram-se os jornaes de mais influencia no paiz, mas quem não sabe que os jornaes de Boston são redigidos com mais cuidado e habilidade?

O mesmo se dá com outras cidades fazendo-se a comparação que ora apresento. Seneca Falls, por exemplo, não tem uma boa universidade para comparar-se com outras cidades, mas tem tres grandes estabelecimentos de construcção de bombas hydraulicas que fornecem apparelhos a centenares de estabelecimentos publicos e par-

ticulares nos Estados-Unidos, na Europa e no Brazil. Visitando-se, portanto, essas cidades americanas nota-se que cada um desses centros populosos tem sempre, para mostrar ao estrangeiro, alguma instituição ou estabelecimento util que não se encontra em outras cidades.

Faço esta pequena observação simplesmente por ter encetado meus estudos em um logar que, se fosse do Brazil, seria justamente o logar menos qualificado para séde de uma universidade.

Figure o leitor uma universidade situada em uma cidade com uma população tres vezes menor do que a população da cidade de S. Paulo, composta de mais de seis academias, sendo de engenharia civil, mechanica, e escólas de sciencias naturaes, de agricultura, de mathematicas puras, de estudos classicos, etc. E este facto que acabo de apontar não se dá sómente com este ultimo estabelecimento, como tambem com Harvard, Yale, Princeton, Troy e tantos outros.

Naquelle paiz entende-se que o estudante aproveita mais nos seus estudos, n'uma cidade pequena, do que em uma grande, onde os theatros e outros divertimentos publicos fazem-no desprender completamente

dos livros. Admittindo por uma hypothese que S. Paulo tivesse mais de uma academia: pergunto eu, qual a vantagem de mudal-a para o Rio? S. Paulo soffreria muito com a mudança, mas o que viria a ganhar a metropole, relativamente fallando, quando ella já por si mesma é cidade de grandes recursos moraes e materiaes?

Pelo pouco que observei nas escólas dos Estados-Unidos, notei que se ellas não produziam homens de sufficiente cultivo e profundos conhecimentos litterarios como os das escólas de Inglaterra, França e Belgica, produziam um grande numero delles e com disciplina sufficiente para proseguirem a sua tarefa no mundo pratico.

E nem os Americanos allegam isto por amor proprio. Elles não dizem que seus estabelecimentos de instrucção são melhores do que os da Europa, o que allegam é que o seu systema, posto que não sendo perfeito, é todavia superior aos da Europa, por isso que distribue a instrucção com mais egualdade pelas camadas da sociedade, ao passo que em muitos Estados da Europa a instrucção publica (exceptuo a Allemanha e a Suissa) é um beneficio que não chega a todos os seus habitantes.

E' mais honroso para um governo educar o povo em massa, pobres e ricos, do que sómente uma parte muito insignificante que virá algum dia comprimir a outra, grande em numero, porém, fraca e impotente por falta de instrucção.

No meio de tantas escólas, tantas academias, não resta a menor duvida que o charlatanismo ha de apparecer ahi.

Isso é natural, tanto mais que elle é praga que nasce e desenvolve-se em toda a parte e da qual não está isento o proprio Brazil.

Os Americanos como homens de bom senso, ao menos hoje, acreditam que nada se póde fazer sem esforço e trabalho. Entendem, pois, que o doutor de carta comprada depois de madura reflexão ver-se-ha na necessidade de estudar, se quizer acompanhar aquelles a quem elle illegitimamente trata de collegas. De tal arte o estudo posterior salvará a condescendencia havida na concessão do titulo honorifico.

CAPITULO IV

Cursos scientificos—Methodo de ensino—Professorado americano—Universidades sob o influxo religioso—Coeducação de sexos—Vida escolastica—Sociedades secretas.

Nos Estados-Unidos os cursos scientificos como os de engenharia civil, artes mechanicas, etc., são de quatro annos, exceptuando os de medicina que são de tres.

A' primeira vista parecerá que o estudante obterá poucas e magras noções do seu curso em tão breve espaço de tempo, mas quem se dá ao trabalho de investigar o excellente systema de ensino ahi adoptado, vê-se na dura necessidade de mudar de opinião. Ha muitos homens que trabalham bastante e pouco fazem, ao passo que ha outros que em menos tempo executam o dobro do trabalho do primeiro.

Assim nos *colleges*, que aqui chamamos academias, o anno escolastico é dividido em 3 trimestres, não só para melhor classificação de certos estudos, que possam entrar em conflicto, como tambem para estimulo dos estudantes. Com isto ficará provado até á evidencia a superioridade do systhema americano sobre o brazileiro. Para demonstral-o basta a seguinte pergunta que tomo a liberdade de fazer ao leitor: Em que paiz o estudante regular fará mais progresso, nos Estados-Unidos, onde ha exames tres vezes no anno, ou no Brazil onde ha uma só vez? Regra geral: o estudante pouco estuda no principio do anno, deixando o esforço para o fim, ao passo que nos Estados-Unidos a somma de trabalho que o estudante emprega nos livros é a mesma desde o dia 15 de Setembro até o dia 26 de Julho, fim do anno escolar.

O trabalho conserva uma certa uniformidade durante o anno, e isso é de utilidade aos que ensinam, e aos que são ennados.

Para mostrar ao leitor que o bom systema tem sua influencia benefica, basta dizer que o 1.º anno de engenharia civil dos Estados-Unidos compõe-se mais ou

menos das seguintes materias: algebra superior, geometria plana e solida, trigonometria plana e espherica, geometria descriptiva, physiologia, desenho linear e topographico, observando-se o numero de materias até o 4.º anno.

O methodo de ensinar é o mais simples e democratico que se póde imaginar. O pulpito alli não existe, o professor apenas tem á sua disposição uma cadeira e mesa.

Falla em geral de pé e com tal respeito e consideração que os estudantes não pódem deixar de admiral-o. Quando se trata de questões difficeis e que o estudante á primeira vista não póde comprehendêl-as, é prazer do lente ir pessoalmente á pedra e esclarecer o que ainda está abscuro.

Por occasião dos exames cada professor examina a sua turma e entrega a lista dos approvados e reprovados ao director da faculdade.

Os exames escriptos são geralmente os mais acceitos; alguns *colleges*, porém admittem os oraes e escriptos.

Sem pretender formular uma offensa nem de leve á susceptibilidade de nenhum Brazileiro que hoje dedique-se á nobre profissão do magisterio, mas por amor á ver-

dade e á imparcialidade que aqui têm caracterisado os meus escriptos, direi que em minha vida de estudante nunca vi lentes mais polidos, mais attenciosos e melhores amigos dos seus discipulos do que os lentes americanos. Mas alli ha um segredo cuja revelação não desabona todavia o professor americano. Na grande republica as escólas secundarias são fructos da iniciativa individual, e não do governo como aqui e na rabugenta Europa ; os lentes dependem alli do favor publico, ao passo que os nossos sómente do poder governamental, que não póde com muita facilidade fiscalisar a sua conducta.

E' claro portanto que os lentes americanos, para satisfazerem os seus sagrados compromissos, precisam ser homens, não só de cultivo como de bom caracter, para poderem assim grangear a estima dos sustentadores da instituição e mesmo dos estudantes.

Um facto que honra muito o professor americano é o seu desejo de querer facilitar o aproveitamento dos rapazes nos seus estudos. Se o compendio é muito longo, elle procura melhoral-o, methodisal-o, trazendo nas suas prelecções diarias justamente aquelles pontos que serão de mais necessidade para o estudante na pratica.

E' claro que as sciencias, com especialidade as mathematicas, já tiveram seu progresso. Não se estabelece uma nova theoria em mathematicas puras com a mesma facilidade com que se escreve um romance. Mas o que é exacto é que toda a nação tem obrigação de verter para a sua lingua tudo que fôr util e acceitavel, ainda mesmo que não seja original. E' assim que os compendios Descartes, Ganot, Bourdon e Weisbach, etc., estão vertidos para o inglez e acceitos como livros de referencia, ao passo que no Brazil onde a nossa lingua é já tão pobre, fazemos uso quasi que geral dos compendios francezes.

Mais de uma obra, com pezar o digo, tem sido publicada na lingua franceza, por Brazileiros.

Como generalisar-se uma sciencia qualquer como chimica, por si propria difficil em uma lingua estrangeira? Parece-me que quem escreve ao publico não é sómente com o fim de revelar talento e erudicção, mas o de ser util e prestativo aos que o lêm.

Desejando prestar neste momento um tributo de homenagem ao Americano como educador, creio que vem a pello trazer aqui o juizo de Mr. Gilmour a quem co-

nheci na qualidade de superintendente da instrucção publica do New-York:

«A corrupção já entrou em todos os ramos do serviço publico, dizia elle, homens desinteressados como os de out'rora já não existem, porém felizmente ha ainda um ramo do nosso serviço publico onde o mal ainda não penetrou. Deixe-me ser-lhe franco o professor americano é honesto e assiduo no cumprimento dos seus deveres.»

Nos Estados-Unidos quasi todas as universidades têm a sua bandeira religiosa. Ha academias ou universidades catholicas como Fordham College, methodistas como Syracuse, presbyterianas como Harvard e Yale, e outras que como Cornell não adoptam bandeira alguma.

A coeducação dos sexos não é idéa ainda muito acceita em todas as universidades. A de Syracuse, que teve seu berço em Lima, pequena cidade no estado de New-York, foi a primeira instituição que admittio moças como estudantes e com o direito á graduação.

Seguiram-se a Méchigan n'esse tempo presidida pelo distincto Americano Mr. Erastus Haven, outr'ora presidente da de Syracuse; Cornell, Universidade da California e outras de não menos importancia.

Harvard, Yale e Fordham ainda não crêm na coeducação dos sexos, dando como desculpa o facto de tornarem-se as moças imbuidas de idéas masculinas, aspirando por este modo o exercicio de profissões que competem mais ao homem do que á mulher.

Por ora não se póde dizer que a idéa seja muito conveniente, visto a experiencia datar de poucos annos, não destruindo isto a crença geralmente admittida de entender-se que deve-se dar á mulher toda a educação, quer social, quer scientifica, isto é, formando cursos separados para moços e moças como o collegio Vassar só deste sexo, e que em estudos, quer de .mathematicas, quer de sciencias naturaes, quer de humanidades, rivalisa com as principaes academias daquelle paiz.

Nenhum Brazileiro, melhor do que o principe que dirige os destinos deste Imperio, poderá emittir opinião sobre o Vassar College, cuja instituição mereceu a sua attenção e estudo.

O que se nota logo que se visitam esses centros de instrucção publica, é a grande distancia que separa-os da cidade, onde em geral moram os estudantes, dando isso a entender que o corpo docente exige

d'elles não só cultivo moral como intellectual e physico.

Os estudantes são amigos do exercicio da gymnastica, de remar, de carregar toda qualidade de peso para o exercicio dos musculos. Ainda perdura entre elles o abominavel jogo de socco, exercicio barbaro no qual sempre canta a victoria aquelle que dispuzer de maior força physica. Differente é o resultado do jogo do florete tão predilecto na Allemanha e na França, em que sahe sempre victoriado, não o mais corpulento, não o de pulso mais forte, porém o de maior presença de espirito e de agilidade.

O jogo da bola, quer com as mãos, quer com os pés, é muito popular entre elles, levando esse divertimento quasi ao excesso.

Não ha universidade de nome conhecido que não tenha o seu club. Um club de jogadores muitas vezes viaja 300 até 700 milhas de estrada de ferro para jogar com o de outra universidade.

Tambem o *fraco* do estudante é pertencer ás muitas sociedades secretas que existem entre elles, facto singular partindo principalmente de moços habitando um paiz onde a liberdade do pensamento é uma realidade.

De facto, em um paiz livre como este, as sociedades secretas de nada servem, e qualquer plano tramado nas trévas dará sempre um resultado contrario do que se esperava.

Essas sociedades, que têm lojas nas muitas universidades daquella republica, tornam-se de grande vantagem áquelles que vão de uma a outra, encontrando sempre amigos em toda a parte.

Quando começam as aulas é que se vê quanto as sociedades secretas trabalham para a obtenção de novos socios, já diminuidos pela sahida de outros tantos que formaram-se e encetaram a sua carreira na vida real, principalmente quando entre os *freshmen* (calouros) destacam-se o filho do presidente dos Estados-Unidos, os de senadores e representantes da republica ou o filho de algum *prominent foreigner* do Brazil.

Usão de todos os artificios e manhas para obtêl-os, como ceias, vinho, passeios de carro, etc.

Os membros de cada uma dessas sociedades trazem sempre uma pequena medalha como distinctivo, cujo valor vai de 50$ até 1:000$, dependendo isto da fortuna pecuniaria de cada um dos membros.

Por occasião da iniciação dos novos membros alguns factos têm-se dado fataes, produzindo um destes a morte de um joven estudante em Cornell.

O facto foi muito commentado pela imprensa, tomando proporções assustadoras.

O interrogatorio feito pela policia deixou provado que a morte fôra casual, como era de esperar. Em todo o caso essa sociedade mereceu a censura de não haver conduzido a iniciação com melhor ordem e systema.

As assuadas ou vaias são alli tão uzadas como no Brazil, e feliz do calouro que sahir sem a menor contusão do combate.

Convém aqui dizer que os calouros estrangeiros foram sempre postos de lado, attendendo-se á posição peculiar em que se achavam e de não estarem ainda acostumados com certas *amabilidades* norte-americanas.

Os estudantes, exceptuando os que vivem nas grandes cidades e tiveram alguma cousa da educação européa, comquanto sejam cavalheiros e dignos de ser assim tratados, são em geral muito bruscos. Um socco no peito equivale a um *good-morning* (bom dia), assim como uma pequena bor-

doada na perna quer dizer um pedido de attenção ao leitor.

Os estudantes do 1.º anno chamam-se *freshmen*, os do 2.º, *sophomores*; os do 3.º, *juniors*; e os do 4.º, *seniors*. Um *senior* não olha a um *freshmen* com o mesmo desdem com que aqui um 5.º annista olha para um calouro, muito principalmente quando ambos pertencem ao mesmo *chapter* (loja).

São em geral muito obedientes á lei, e ai daquelle que com ella transgredir. Aprendem cedo a tornarem-se cidadãos.

Não quero com isto dizer que entre si não sejam turbulentos e que não andem em magotes pelas ruas cantarolando, mas nunca me lembro de ter visto alli nenhum insultar um cidadão pacifico ou qualquer agente de autoridade constituida.

Todas as universidades têm os seus jornaes, cuja redacção sempre é tirada dos estudantes do 3.º e 4.º annos. Se os seus artigos não são escriptos com o mesmo cuidado e fórma de estylo como o são aqui os periodicos de estudantes, todavia elles preenchem melhor o seu fim.

Apparecem nesses periodicos excellentes suggestões sobre o melhoramento do en-

sino, sobre o melhor comportamento dos lentes e dos estudantes durante as classes, emfim de todo e qualquer assumpto que possa interessar a universidade. Esses jornaes não têm bandeira politica nem religiosa. Quasi todos os estudantes e lentes assignam o jornal e o colleccionam com o maior cuidado como lembrança. Quero com isto dizer que as relações entre os estudantes e os lentes sempre alli estiveram no melhor pé.

CAPITULO V

Religião.—Liberdade de cultos.—Protestantismo e suas divisões.—Eloquencia parlamentar.—Clero catholico.—Separação da igreja do estado.—Grande naturalisação e seus bons effeitos.

Comquanto a maioria do povo americano professe a religião protestante, hoje subdividida em grande numero de seitas, não é ella todavia a unica religião da grande republica.

Todas as seitas do mundo, quer da Europa, quer da Asia, têm naquelle paiz abrigo e liberdade para a expansão dos seus principios.

No congresso americano, nas assembléas do Estado, nos *meetings*, nas repartições publicas, o estrangeiro encontrará a prova do que acabo de dizer. Nos Estados-

Unidos, o unico embaraço que o homem encontra para subir aos mais elevados degráos do edificio social, é a falta de instrucção, e outros importantes requisitos que recommendam o homem á confiança publica.

Seja o individuo intelligente, patriota, industrioso, homem de caracter e de virtudes a toda a prova, que o povo, os seus constituintes, nada têm que vêr com os principios religiosos que professa.

A 60 milhas do logar onde residí fica a cidade de Utica, que, pequena em população, é sómente notavel por ter sido a residencia ha muitos annos de tres distinctos Americanos – Seymour, Conkling e Kernan. Este ultimo é o mais moço dos tres estadistas, porém é de sua historia que vou occupar-me, para mostrar ao leitor o quanto alli se aprecia o merito de qualquer individuo, qualquer que seja a religião que elle adopte. Jantei uma vez em casa desse honrado Americano, e em companhia de sua familia, sentado perto de um fogão ouvi-lhe a sua historia.

Todos sabem a grande antipathia que o Americeno tem pelo Irlandez, prejuizo este que data da época da Reforma, durante o reinado da Henrique VIII. Com

effeito, os catholicos ahi são tratados com muita desconfiança nos seus planos politicos. Mas continuemos a nossa historia.

Os paes de Kernan eram Irlandezes muito pobres que vieram aos Estados-Unidos melhorar de posição e fortuna. A unica riqueza que trouxeram da velha Irlanda foi a religião catholica, herdada desde o berço. Mas Utica, sua nova residencia, era essencialmente protestante em todas as suas tendencias.

Não havia uma só egreja no logar e a mãe ensinava-lhe todos os domingos os principios da religião catholica.

Cresceu, tornou-se homem e, a despeito da alta posição que occupou de senador da republica, é ainda um dos servos mais obdientes da egreja. Os protestantes o estimam por isto, e têm-lhe concedido todas as honras que o melhor servidor póde merecer.

Mas, Kernan é homem que sabe distinguir perfeitamente os seus deveres para com o representante de Christo na terra e o primeiro magistrado da Republica.

Quando, ha poucos annos, os jornaes catholicos dos Estados-Unidos propuzeram que os fundos para a instrucção publica

fossem distribuidos de modo que os filhos de protestantes fossem educados em escólas separadas das dos catholicos e viceversa, Kernan, que vai ao confissionario varias vezes no anno, sahio a campo e protestou em alto e bom som contra semelhante idéa, como absurda e inqualificavel.

Kernan sustentou que acima dos interesses da religião estavam os do seu paiz, e que elle, como cidadão, os saberia respeitar.

E' innumeravel a quantidade de seitas naquelle paiz.

Vamos ao protestantismo.

Em primeiro logar vêm os Episcopaes, que se approximam da egreja catholica mais do que outra seita; os Presbyterianos; os Methodistas; os Baptistas; os Congressionalistas; os Independentes, etc., etc. De todas as seitas enumeradas a mais aristocratica, ao menos no estado de New-York e estados do Sul, é a Episcopal; porém a mais rica e fanatica é a Methodista.

E' interessante e curioso observarem-se as ceremonias desta ultima, que muitas vezes chegam ao ridiculo. Os seus dis-

cursos em voz alta, em tom de choro, são em geral muito desagradaveis. Não é gritando e chorando que espera-se convencer a Deus. E isto todos os santos domingos!

De passagem direi que a sua oratoria é bem inatractiva e muitas vezes abominavel. Fallam geralmente com pouco gosto e com certos gestos como se quizessem amaldiçoar toda a congregação. Isto não é sómente quanto á tribuna religiosa, porém tambem quanto á profana.

A União Americana tem homens que fallam bem, mas não são oradores eloquentes como Emilio Castellar, Gambetta, visconde do Rio-Branco, Fernandes da Cunha, Gomes de Castro, Ferreira Vianna, Silveira Martins, *and last but not the least,* o gigante da tribuna brazileira, José Bonifacio, que póde prender a attenção do auditorio mais illustrado sómente com o auxilio de alguns apontamentos.

Alli o systema é diverso, os discursos são estudados e decorados para serem pronunciados no congresso e *meetings*.

Ha pouco tempo vi no *Herald* um telegramma bem significativo, enviado pela agencia da Associated Press (*) e que

(*) Agencia em New-York encarregada de transmittir despachos telegraphicos á imprensa americana, mediante uma certa subvenção.

resava assim : «O Senador Thurman está escrevendo um discurso sobre finanças, que tem de ser pronunciado em Toledo, Ohio, na proxima semana.»

E' preciso, porém, notar o seguinte facto que abona a posição para nós singular do orador americano. O seu discurso não abunda em flôres de rhetorica nem em citações de autoridades européas como Peel, Pitt, Lord Chatam, etc., mas em assumptos de momento e praticos que têm de ser ventilados naquellas occasiões, e que, por serem novos, pedem reflexão e estudo.

Ha uma razão pela qual o orador americano ainda não póde competir com os da Europa : é a pouca educação litteraria que possue.

São homens que sobem de repente ao poder e, quando alli chegados, têm de se sahir do melhor modo possivel, com a pouca educação que obtiveram.

Um dos representantes do congresso (1878) pelo Maine, a terra de Blaine, é homem de educação muito pouco politica e litteraria : é um fabricante ordinario de navalhas.

Foi eleito pelos *Greenbackers,* um novo partido que acaba de apparecer na scena politica.

Desculpe-me o leitor esta pequena divagação.

O clero catholico, com os seus oito milhões de fieis é tão mal servido em oratoria como algumas seitas protestantes, porém não é o menos illustrado, comquanto em menor numero. Os seus fieis são em geral ignorantes, mas seus chefes ainda conservam as tradicções dos jesuitas, que constituem indubitavelmente a ordem mais intelligente e cultivada do mundo christão em todas as sciencias e conhecimentos humanos.

Digam o que quizerem da ordem de Loyola, porém é facto que ella sempre teve grandes talentos, homens de tino e experiencia, versados em todas as sciencias e artes.

Já disse ao leitor que os catholicos irlandezes encontram certa anthipatia na União, muito principalmente em consequencia da grande ignorancia que prevalece entre elles. Mas esse odio já vai terminando, pois os filhos da primeira e segunda geração comprehendem perfeitamente os seus deveres de christãos e cidadãos da Republica. São educados nas escólas publicas e muitos delles exercem cargos de alta importancia.

Até ha bem pouco tempo, o melhor advogado alli era um Irlandez O'connor, e a primeira espada do exercito, Sheredan é de origem irlandeza.

A despeito, porém, da antipathia que muitos nutrem pelos principios da religião catholica, ella ganha todavia novos adherentes, muitos tirados das familias das mais aristocraticas cidades do paiz. Familias catholicas importantes povoam New-York, Baltimore, Cincinnati, e outras. Muita gente, que se presava de ser puritana, hoje professa a religião catholica com maior fé do que os que herdaram-n'a do berço.

A'quelles que entendem que a religião catholica deixaria de existir no Brazil se lhe supprimissemos o importante subsidio do thesouro brazileiro, eu poderia responder com a estatistica catholica Americana, provando que ella alli só tem ganho em logar de perdido adherentes.

O finado Pio IX da cadeira de S. Pedro, do alto do Vaticano, disse publicamente que de todo o mundo catholico, as suas melhores ovelhas, o corpo catholico de mais fé e de mais convicções são de um paiz onde a maioria da população é essencialmente protestante, daquelle paiz

onde o thesouro não concede a qualquer seita que seja um só real para a subsistencia dos seus ministros.

Em minha humilde opinião não vejo, portanto, motivo para a nação Brazileira, representada pelas camaras legislativas, ainda não ter decretado a separação da egreja do Estado, phantasma que faz toda a immigração européa ir lançar-se nos braços dos Estados-Unidos da America do Norte.

E apezar de tantos cuidados com a religião catholica, que até força o estrangeiro a pagar tributos para sustentar-se uma egreja que nunca reconheceu, ella definha todos os dias sem mais esperança de vida.

Os homens intelligentes do Brazil, que partilham das minhas idéas, porém que, quando no poder, temem a influencia do clero e não têm coragem de realisal-as, são apenas catholicos de nome e atheus de coração com uma boa dóse de superstição no cerebro. Vá um Brazileiro de alta posição social, que se considere catholico confessar-se ou commungar, emfim prestar contas a Deus dos seus peccados por intermedio do padre, que será apupado no dia seguinte.

O clero Brazileiro não tem boa reputação no estrangeiro, mas para que culpal-o, quando a nós cabe a responsabilidade dos seus máus actos? Estes mesmos defeitos se encontram em todos os paizes que têm religião subsidiada pelo Estado. Cortemos, portanto, pela raiz semelhantes idéas, que não se coadunam com as circumstancias peculiares em que nos achamos. O Brazil é um paiz enorme em superficie, porém com uma população muito escassa.

Cumpre, pois, que todos os homens, quer monarchistas quer republicanos, trabalhem para que se córte da nossa constituição essa idéa acanhada, visto da sua conservação termos tido até agora só duras provas.

Sobre os direitos politicos concedidos aos estrangeiros que alli vão residir, direi que elles começam a gozar dessas regalias depois que estiverem no paiz cinco annos e obtiverem a sua carta de naturalisação. Poderão exercer todos os cargos menos o de presidente da Republica. E quem me dirá que elles são máus cidadãos da Republica? Pois o estrangeiro que para alli se transporta com sua familia e todos os seus interesses, póde ser prejudicial a causa da Republica?

Vou dar um exemplo.

Carl Schurz ultimamente secretario do interior daquelle paiz, é um dos exemplos mais frisantes do quanto os Estados-Unidos apreciam o merito de qualquer individuo, seja qual fôr a sua nacionalidade. Durante a revolução de 1848, na Allemanha, Carl foi preso por haver propagado idéas liberaes. Dispondo de rara sagacidade pôde elle distrahir a policia allemã fugindo para a Inglaterra com um amigo que conseguiu tiral-o da prisão. Em 1852 embarcou para os Estados-Unidos e, conhecendo perfeitamente o solo firme em que pisava, começou a fallar nos *meetings* allemães com muita habilidade e bom senso. A imprensa americana, que sempre dá a Cesar o que é de Cesar, começou a prestar-lhe grande consideração e desde esse tempo a carreira de Carl tem sido a mais invejavel possivel. Já foi senador pelo Missouri, ministro americano na Hespanha e não ha muito tempo, chefe de uma das repartições mais difficeis de serem administradas em qualquer paiz —a de agricultura, commercio e obras publicas.

Carl Schurz falla tão bem o inglez como o allemão, escrevendo ambas as linguas com rara proficiencia.

Não pensem os leitores que alli tambem não existam homens que entendem que os estrangeiros não merecem regalias. Até ha pouco tempo poderiamos citar homens nos Estados-Unidos que, como Antonio Carlos, na constituinte brazileira, pediam a expulsão dos estrangeiros. Mas felizmente a imprensa americana fere-os de rijo.

Durante o seu ministerio o mesmo Carl Schurz mandou processar, como era de direito, aventureiros que utilisavam-se das mattas do Estado com prejuizo de partes interessadas que tiravam madeiras por uma certa quantia estipulada pelo governo. Isto exasperou muito a Blaine do Maine que dirigio no senado os maiores improperios a Carl Schurz como executor da lei. Chamou-o de estrangeiro foragido, dizendo-lhe que não viesse governar mattas americanas á moda allemã. Carl não respondeu, mas o *Herald* no dia seguinte chamou Blaine de intolerante e lamentou que um homem como o nobre representante pelo Maine usasse de meios tão pouco decentes para censurar o procedimento de um digno servidor do Estado e de um cavalheiro que, ainda que de sangue estrangeiro, dispunha de mais educação e melindre do que esse Blaine que ainda a pouco tempo quiz occupar o logar de pri-

meiro magistrado da Republica. A imprensa americana toda acompanhou o *Herald*.

No caso de Carl Schurz figuram muitos Americanos de procedencia estrangeira que com os naturaes trabalham de commum accôrdo pelo progresso da patria.

Os Americanos pela sua politica moderada e tolerante têm attrahido para o seu seio homens de todas as classes, de todas as intelligencias. O proprio Agassiz que já era muito conhecido na Europa como naturalista, antes de ir para os Estados-Unidos, rejeitou tudo que havia de melhor na França para morar em Cambridge como simples cidadão americano. Ha alguns annos o *Mémorial Diplomatique* de Pariz publicou um boato que o imperador do Brazil iria abdicar a corôa em favor da princeza imperial e que fixaria a sua residencia na republica de Washington. E o que disseram alli os jornaes? Applaudiram tanto a sua resolução que até prometteram-lhe o logar de representante da nação.

Quanto ao modo de encarar a emigração, o Norte-americano, sempre pensou diversamente de nós, isto é, com outra largueza de vistas, mas assim mesmo, quantas

modificações não se têm operado no espirito publico deste povo, principalmente no dos Paulistas sobre esta magna questão?

O que mais pódem querer os estrangeiros que aqui desejarem fundar familia, serem cidadãos Brazileiros, diante da gloriosa reforma eleitoral, que collocou José Antonio Saraiva no Pantheon dos Brazileiros illustres?

Quem não vê que a vastidão de nosso territorio quasi todo inculto, necessidade de proxima transformação de trabalho, tem nos obrigado á abandonar velhos preconceitos, encarando seriamente o magno problema sob todos os seus pontos de vista?

O norte-americano não faz promessas vãs a quem aponta ás suas plagas. Tendo-lhe a Providencia Divina fadado um solo rico e clima ao sabor das raças mais civilisadas da Europa—e ainda mais—vivendo sob o influxo do regimen mais democratico que se póde desejar em uma Republica, não admira que a corrente de emigração mais intelligente da Europa para alli se encaminhe.

Com estes elementos, repito, é natural que o estrangeiro uma vez com o pé em

terra Americana, procure identificar-se com o solo e com aquella grande associação, entrando logo na plena regalia dos direitos que a Constituição concede aos seus habitantes.

CAPITULO VI

Vida do estudante Brazileiro.—Despezas.—Lucta com o frio e o calor.—Contrastes de temperatura durante o anno lectivo.—Theatros, prelecções e reuniões familiares.—Cartas de recommendação.

Parecerá fóra de proposito nesta série de artigos alludir aos assumptos com a epigraphe acima, porém, tal é a curiosidade de muitos que tiveram e ainda tem filhos estudando naquelle paiz, que eu de bom grado accedo aos seus desejos. Os jovens Brazileiros que vão para os Estados-Unidos (é quasi sempre regra invariavel) levam comsigo uma carta de credito de modo que, quando alli estabelecidos, possam obter uma quantia marcada mensalmente em New-York ou em qualquer cidade dos Estados-Unidos, sem ser preciso saccarem todos os mezes contra os seus correspondentes no Brazil.

Isto não deixa de ser de grande vantatagem a quem quer que seja, por isso que alli todas as despezas com casa, comida, roupa lavada, livros, etc., são em geral pagas no fim de 30 a 60 dias.

Quanto a essas mesmas despezas que se tem de fazer mensalmente, verá o leitor que a vida nos Estados-Unidos não se póde dizer barata nem cara. Um quarto, por exemplo, mobiliado e com comida regular, não se póde alli obter por menos de 17$000 a 19$000, não incluindo a lavagem de roupa, que não é cara, custando termo médio, ao estudante economico 8$000 por mez.

Convém aqui dizer, que o forte nos Estados-Unidos é a roupa preta, tanto para o homem como para a mulher, ainda mesmo com um verão mais desagradavel que o nosso, posto que menos longo.

Um dos motivos pelo qual a lavagem de roupa é alli mais barata do que aqui é devido aos machinismos aperfeiçoados usados para esse fim, commodidade essa não exercida pela propria Europa.

A facilidade e rapidez com que alli lava-se e engomma-se a contento do dono é admiravel. O que aqui se faz em uma semana alli faz-se no decurso de algumas horas!

Attendendo-se as despezas que acabo de apontar, o estudante vive alli commodamente com 160$000 a 180$000 por mez. Alguns tem extra em caso de molestia e outros ordem franca para toda e qualquer precisão.

Os Brazileiros, como os Americanos, não vivem em *republica* mas em *boarding houses* (casas de pensões) vivendo por consequencia mais no seio da familia do que os nossos estudantes.

Sem duvida que não são as principaes familias da cidade que abrem-lhes as portas de suas casas por meio de uma simples *introduction* (apresentação), mas familias pobres, porém de sufficiente moralidade e instrucção para fazerem correr os dias do pensionista de um modo agradavel.

O estudante, principalmente o estrangeiro que está muitas centenas de legoas distante da sua patria, experimenta maior satisfação, soffre menos no moral, residindo em uma casa de pensão, onde vive uma familia carinhosa do que em uma *republica* ou hotel, fóra dos cuidados domesticos.

Como em geral os edificios da universidade distam muito da cidade, o almoço

academico começa sempre das seis as sete horas da manhã, a tempo de alcançar a primeira aula ás oito horas, durante a primavera, e as oito e meia, durante o inverno. O jantar é quasi sempre as duas horas e o chá as seis horas da tarde.

O Brazileiro que está acostumado com este céu azul e clima benigno, não póde deixar de sentir algumas emoções quando se vê transplantado para um paiz onde o thermometro Fahrenheit vae até 20 gráos abaixo de zero. E que frio! Em um paiz collocado na zona temperada onde faz não só muito frio como muito calor até 115 gráos, é claro que a passagem de uma estação a outra venha mudar o systema de vida da propria sociedade.

O estudante começa o seu primeiro trimestre em o outomno (Setembro) quando as arvores começam a perder as folhas. Parece que o aspecto triste da estação, dias sombrios, pouco sól e um frio que já suggere o uso de fogões nas habitações, coaduna-se perfeitamente com o espirito do estudante, quando sem forças, sem disciplina, apartado ha pouco dos lares patrios, toma o compromisso sagrado de encetar os seus estudos para honra e gloria de sua patria.

Basta a lingua ingleza para desacoroçoar o estudante menos destemido.

O primeiro trimestre que é o que chamam alli o *Tall-Term* é tambem quando os 40 milhões de habitantes daquella grande republica encetam de novo os seus trabalhos com aquella energia e vigôr depois dos mezes abrazadores de Junho e Julho, gastos em casas de Campos, tomando parte em pick-nicks, caçadas e outros divertimentos da vida campestre.

O segundo trimestre (Winter term) é dos tres o mais incommodo pelo frio horrivel que faz, mas é o trimestre em que todos se divertem muito.

Recordo-me de subir e descer muitas vezes as ladeiras que davam para a universidade, duas a tres milhas por dia, com neve pelos joelhos, a ponto de falsear e cahir.

Cahe tanta neve certos dias que não se póde distinguir um transeunte do outro lado da rua.

Nesse tempo enceta-se novo genero de divertimentos, que estavam esquecidos durante o periodo das outras estações. Os carros com seus fogosos cavallos são substituidos pelos trenós, a vestimenta fina,

delicada, pelos grandes casacos e calças encorpadas para resistirem ao frio, que córta as orelhas do transeunte. As botinas finas (imitação franceza) são substituidas pelos sapatos de sóla grossa de marinheiro, que resistem a humidade.

No inverno trabalha-se muito durante o dia, e querendo distrahir-se a noite não lhes faltarão theatros, salas de prelecções, reuniões familiares e toda a casta de divertimentos.

O ultimo trimestre escholastico (spring term) começa em principio de Abril e termina em Junho, quando tem logar a collação dos gráos academicos.

Quem frequentou a universidade no segundo e terceiro trimestre e que soffreu toda a neve e vento frio do segundo não póde deixar de sentir uma sensação agradavel ao vêr despontar a primavera com o seu cortejo de folhas viçosas e flôres odoriferas. A propria natureza contribue para que esse trimestre seja só de alegria para o estudante.

O *freshman* (calouro) vê com prazer correr placidamente os dias de um anno de trabalho arduo e ingrato. Põe já de lado uma bôa somma de conhecimentos

bebidos na universidade, que vão lhe servir de escada no anno seguinte. O doutorando (senior) esse está prestes a deixar a sua cara—alma mater—, e se está contente de vêr realisados os seus sonhos dourados, sente com tudo uma certa tristeza quando se lembra que vae deixar tantos collegas, tantos lentes, a quem presava e com quem passou horas agradaveis e instructivas.

De fins de Junho até Setembro ha férias, e durante esse tempo retemperam-se as forças para começar o anno seguinte com mais vigôr e energia.

Os que tem familia no paiz vão visitar suas *homes* (casa) e os estrangeiros sem laço nenhum alli, contemplam com satisfação o dia em que devem receber o seu diploma para retirarem-se para os seus respectivos paizes.

A maior parte volta para continuar os seus estudos, porém nem todos cumprem a sua missão.

Encommodos de saúde, más finanças, casamentos e outras vicissitudes da vida distrahem muitos talentos da universidade; em compensação novas legiões de moços de todos os angulos do paiz vêm preencher o claro feito nas fileiras academicas.

Passando a outro assumpto direi que de pouca importancia são as cartas de recommendação.

Uma carta nesse sentido não recommenda o portador á inteira confiança do destinatario. Poderá quando muito offerecer-lhe o melhor hotel da cidade e nada mais.

Alli o homem é melhor recebido fallando por si, e assim deve fazer o estudante quando começa a trabalhar. Se é intelligente e applicado não lhe faltarão elogios em todas as boccas.

Apezar da pouca valia da apresentação ella todavia é uma formalidade muito em voga, mesmo entre os estudantes. Até chega ao ridiculo. E' assim que tive occasião de nunca ser apresentado a certos professores que não pertenciam ao meu curso e que não me comprimentavam simplesmente por não ter tido privilegio de ser-lhes apresentado com todas as formalidades norte-americanas.

Realmente é ridiculo e isto só da-se na Inglaterra, suas possessões e Estados-Unidos, de esbarrar-se um homem todos os dias com um outro, e nem se quer por uma delicadeza descobrirem-se.

Não querendo nós Brazileiros passar por offerecidos, tornamo-nos tambem excentri-

cos como elles, sem que isso não deixasse de nos encommodar, como encommodaria a um estudante Hespanhol, Portuguez, Italiano ou Francez.

Em duas Universidades dos Estados-Unidos o numero de Brazileiros era tão crescido que organisarão Clubs para fins litterarios e scientificos.

O mais importante que alli fundou-se foi o de Cornell, que até publicou um jornal mensal.

A falta de união de alguns Brazileiros, que ainda desconhecem o espirito de associação, de ordem e de justiça, apressaram a morte do Club.

Desse numero de Brazileiros, a maior parte desta briosa provincia do Brazil, varios estão exercendo a sua profissão com distincção, alguns são capitalistas, e o resto estão abrindo fazendas importantes para café, fazendo estes ultimos o uso dos seus conhecimentos de agronomia bebidos naquelle paiz.

As universidades onde mais acodem os Brazileiros são : Cornell, Syracuse, Columbia, Universidade da Pensylvania e outros centros de instrucção.

Logo que alli chegam tomam um professor de inglez e no fim de seis mezes

estão quasi que aptos para proseguirem os seus estudos.

Se formos a julgal-os pelos estrangeiros que abordam á nossa patria, direi que bem pouco nos excedem na facilidade de estudo de qualquer lingua. Tomando-se no todo a colonia Brazileira posso dizer, que um numero muito diminuto deixou de cumprir com seus deveres academicos. Não ponho nesse numero muitos que alli foram com o unico fim de visitar o paiz.

O *record* (credito) dos Brazileiros naquelle paiz é o mais honroso possivel não só nas suas relações com as universidades como com a sociedade em que vivem.

Não sou daquelles que entendem que a educação dos jovens Brazileiros, principalmente daquelles que tem de influir nas altas questões e marcha administrativa do paiz, vão beber seus conhecimentos em uma terra estrangeira, mas tal é o nosso atrazo relativo em certos cursos scientificos que obriga a muitos Brazileiros a procurarem paizes estrangeiros para séde dos seus estudos. E, apezar dos males que a educação estrangeira traz a alguns moços, fracos no meu humilde entender, eu direi que nada devemos receiar daquelles que se educam nos Estados-Unidos, por isso

que em nenhum outro paiz o individuo adquire melhores habitos de cidadão do que nos Estados-Unidos, onde a liberdade é uma realidade, por isso que é acompanhada de ordem, justiça e egualdade.

CAPITULO VII

O Brazil julgado pelos Yankees.—Commercio de importação e exportação entre os dous paizes.—Apreciações da imprensa americana contra o Brazil.—O Sr. Dr. Salvador de Mendonça.—O Sr. Dom Pedro de Alcantara, os Andradas, Visconde do Rio-Branco, Visconde do Bom Retiro e Carlos Gomes.—Casamento phantastico em Diamantina, Minas-Geraes e o Albany *Evening Journal*.

E' de lamentar que o vapor e o telegrapho, esses dous elementos poderosos da civilisação moderna para a solução do grande problema—a confraternisação dos povos—, não tenham ainda posto as relações entre o Brazil e os Estados-Unidos naquelle pé lisongeiro que nós todos devemos almejar. Porque é que os dous paizes mais importantes da America debaixo de todos os pontos de vista ainda se ignoram mutuamente? A' excepção de

alguns Americanos, comparativamente fallando, que se dedicam ao commercio com o nosso paiz, naturalistas que têm estudado a nossa flora rica e luxuriante, e, um minguado numero de curiosos das cousas de todos os paizes estrangeiros, a maior parte da população norte-americana olha para nós mais como habitantes de um paiz apenas notavel pelo seu café afamado, ouro, diamantes e outras pedras preciosas. Não crêm aquelles *innocentes* que a civilisação européa, donde vem a nossa e que foi a mesma adoptada na União Americana, tenha ainda chegado ás nossas plagas. Ficam portanto pasmos quando, depois de nos interrogarem, lhes respondemos que aqui tambem ha estradas de ferro; hoteis; escólas; egrejas, quer protestantes, quer catholicas; carruagens; boticas; barbeiros, etc.

Pelas conversações que tive com americanos de todas as classes notei, depois de maduro exame, que esse era o juizo predominante feito do Brazil com especialidade nos Estados do Norte.

Ninguem mais do que a minha humilde individualidade aprecia o Americano pelos beneficios por elle prestado á civilisação; ninguem mais do que eu louva o seu genio de tudo melhorar debaixo dos dous pontos

de vista, moral e material, e causa-me espanto quando me lembro que o americano, que mais do que nenhum outro povo precisa do Brazil para a venda do seu trigo e productos industriaes, dê tão má cópia de si em assumptos brazileiros os mais triviaes, envolvendo os mais comesinhos principios de historia e geographia. Porque um americano de bom senso, que tem leitura, principalmente de jornaes, ha de ser tão indifferente ao Brazil a ponto de nos perguntar se aqui veste-se tão *decentemente* como nos Estados-Unidos, se ha aqui phosphoros, guarda-chuvas, bois, cavallos e mil outras impertinentes perguntas? A civilisação norte-americana é toda peculiar ao paiz ou não é a mesma que copiamos da Europa?

As duas nações devem ser culpadas deste estado, que com pezar aponto, e muito principalmente os Estados-Unidos, pois que negociando com o nosso paiz desde 1808 ainda não conseguiram introduzir nos nossos mercados generos no valor de 16 mil contos por anno. Nós recebemos dos Estados-Unidos annualmente mais de 80,000 contos em ouro, ao passo que esse paiz de nós recebe sómente 16,000 contos; o saldo a nosso favor sendo portanto de 64,000 contos pouco mais ou menos.

Pelo que acabo de dizer pódem-se vêr perfeitamente os *grandes* serviços que nos tem prestado o corpo diplomatico brazileiro e americano até ha bem poucos annos.

Já tive occasião de dizer em uma prelecção publica (*) nos Estados-Unidos o papel nullo que seus ministros representavam no Brazil deixando de parte questões importantes e de interesse mutuo á causa dos dous paizes.

O Brazil, tambem direi, durante o meu tempo naquelle paiz foi muito criticado pela imprensa americana e se alguns artigos alli appareceram firmando o nosso conceito de povo civilisado e livre, partiram, eu posso dar testemunho, não dos membros da nossa legação, porém de particulares que como o Dr. José Carlos Rodrigues e o humilde escriptor destas linhas, nada tinham com o nosso governo. Em todo o caso, é de justiça que eu abra uma excepção honrosa na pessoa do consul-geral de New-York, o Sr. Dr. Salvador de Mendonça que mais de uma vez alli tem sahido a campo para defender os

(*) Prelecção por mim feita na *Association Hall*, cidade de Syracuse, N. Y. tendo por thema: «Brazil, its social, political, and commercial relations with the United States.»

nossos interesses a elle confiados n'aquella parte da grande republica.

Para mostrar aos leitores provas da indifferença do povo norte-americano para com o Brazil, e que não fallo sómente de uma, porém, de todas as camadas da sociedade americana, eu registrarei uma das muitas que tive occasião de presenciar. Em as ferias do meu segundo anno fui convidado por um amigo intimo para passar alguns dias em casa do seu pai, o distincto jornalista Mr. F., proprietario de uma folha importante no Estado de New-York. Agradaram-me muito a franqueza e amabilidade de Mr. F., pois, além destas duas boas qualidades, tinha uma conversação muito instructiva bebida no escriptorio de jornaes. Mr. F., além de jornalista consummado, havia servido como ministro americano na Europa e ainda hoje é membro effectivo da Sociedade Geographica de New-York. Mr. F., muito bem informado a respeito das cousas americanas, o era todavia muito ignorante a respeito das do Brazil a ponto de perguntar-me, além de muitas, se eramos descendentes de hespanhóes. Um outro caso mais demonstrativo. Quando o imperador do Brazil dirigiu-se de New-York para a California o humilde escriptor des-

tas linhas leu algures que na sua viagem entre S. Francisco e Chicago elle tivera occasião de vêr-se rodeado de um grande numero de senhoras daquellas paragens e que alli tinham vindo render um preito de homenagem ao *only American Emperor* (unico imperador americano). Uma dellas, depois de apertar a mão do imperador disse-lhe que vangloriava-se de possuir um parente dentro dos seus vastos dominios. O imperador muito ancioso perguntou-lhe, em que provincia e cidade residia. Teve resposta que o illustre desconhecido não era do Piauhy, muito menos de Pindamonhangaba ou Itaquaquecetuba, porém, um habitante da cidade dos terremotos— Valparaiso. Se a senhora americana ficou desapontada, muito mais o nosso imperador que julgava-se soberano de um paiz mais conhecido.

A' vista disto verá o leitor que idéa injusta e mesquinha ainda faz de nosso paiz a maioria da população norte-americana. Graças, porém, a exhibição brazileira em Philadelphia e á presença do monarcha, naquella occasião solemne, as relações entre os dous paizes têm mudado consideravelmente, e se nesse tempo já eram amigaveis, póde-se dizer que ellas são intimas.

A propria imprensa americana, já direi a de New-York, quando se refere aos negocios do Brazil usa de um certo tom que denota pouco conhecimento da nossa vida social e politica. Os caudilhos do Mexico, Perú, Venesuela Guatemala, etc., são mais conhecidos delles do que os nossos estadistas mais importantes. A' excepção dos Andradas (dos quaes a encyclopedia americana falla em termos bem lisongeiros) e alguns brazileiros de nome, o resto fica no pó da indifferença.

Pôde-se dizer, que nos Estados-Unidos, os dous brazileiros melhor conhecidos são : o Visconde do Rio Branco e o Visconde do Bom Retiro, ambos de saudosa memoria ; o primeiro pela sua grande comparticipação na confecção da Lei de 28 de Setembro, que libertando as gerações futuras, teve ainda a grande vantagem de preparar o espirito dos proprietarios ruraes para a solução do problema ; e o segundo pelo facto de ter viajado muito em companhia do monarcha brazileiro e pertencer a um grande numero de associações scientificas e estrangeiras.

Qual é a nação européa de importancia que não conhece o nosso festejado compositor Carlos Gomes, autor das operas

Fósca, Salvador Rosa e Guarany ? E no emtanto para que Carlos Gomes fosse apresentado ao publico norte-americano foi preciso que o monarcha brazileiro lhe lembrasse de compor uma marcha commemorando o anniversario da independencia americana.

Um outro facto que todos os brazileiros notam com pezar é de desconhecer-se alli até a nossa propria fórma de governo e leis que nos dirigem.

E' assim que milhares de americanos pensam que pelas mãos do imperador passam todas as transacções commerciaes que o nosso paiz tem com o estrangeiro e que elle é o que faz acquisição de todos os instrumentos agricolas e industriaes de que o Brazil precisa. Para elles a estrada de ferro de D Pedro II é considerada propriedade exclusiva do monarcha brazileiro.

Ha tres annos pouco mais ou menos eu tive occasião de lêr no *Albany Evening Journal* de New-York um extenso artigo descrevendo um casamento phantastico de uma joven brazileira de Diamantina, Minas Geraes. O pai da noiva chamava-se Cabral e era tão rico (dizia o espirituoso escriptor) a ponto de fretar um paquete

especial da Mala Real Ingleza para conduzir os noivos para a Europa e os Estados-Unidos. Logo depois da ceremonia do casamento, Cabral querendo dar uma prova de generosidade aos seus convidados, presenteou cada um delles com ouro, brilhantes e outras pedras preciosas. O artigo escripto sómente com o fim de debicar a humanidade, produziu uma tal sensação, principalmente em New-York, que o imaginario millionario de Diamantina viu-se atormentado quasi um anno com uma grande quantidade de cartas dos Estados-Unidos, uns offerecendo sociedade em algum negocio productivo, e outros sollicitando-lhe mensalidades pretextando circumstancias criticas.

A repartição do correio, no Rio (li isto nos jornaes americanos) ficou tão encommodada com tantas cartas dirigidas ao tal Cabral, que officiou á de New-York, declarando terminantemente que não existia nesta terra um Cabral tão rico assim.

D'ahi vem a noção de nos Estados-Unidos se pensar que aqui ha homens muito ricos, quando é facto provado que não temos aqui brazileiros da fortuna de Astor, Stewat, Jay Gould e o rei das estradas de ferro, William H. Vanderbilt, que

com menos de cincoenta annos da idade joga com uma fortuna superior ao dobro da receita do segundo estado da America.

Vivendo-se em um luxo oriental, como ahi pensam de nós, faz-se com que em geral o emigrante fique desapontado quando aborda ás nossas praias e estuda o paiz pelo prisma da verdade. Porém, como já disse em capitulos anteriores, as idéas e tendencias do povo americano mudam gradualmente com o curso dos annos. Não devemos desanimar do estado de cousas que apresento, quando me recordo que ainda continúa a emigração de jovens paulistas para aquellas paragens.

E aqui em homenagem á minha provincia, devo dizer que S. Paulo com o seu bom numero de estudantes, quer da cidade, quer da lavoura, tem feito mais para dissipar certas apprehensões que aquelle povo ainda nutre contra nós do que as outras dezenove provincias juntas.

DE NEW-YORK A S. FRANCISCO

CAPITULO VIII

Viagem em 7 dias e 7 noites.—New-York.—Albany.—Syracuse.—Niagara.—Chicago.—Rio Mississipi.—Omaha.—Mudança de trens do *Rock Island Railroad* para o *Union Pacific Railroad*.

Eis uma viagem que deleita e instrue a quem tem a fortuna de fazel-a!

Quanto sinto profundamente não dispôr de educação litteraria sufficiente para descrever fielmente aos que me lêm o que vi, gosei e senti!

Andar mais de 1.000 legoas brazileiras, com a maior commodidade, em waggons bem acolchoados, experimentando a cada momento sensações agradaveis, na observação de cidades e villas florescentes, e isto,—em *menos* de 7 dias—, é, com

effeito, um facto admiravel e que honra sobretudo o espirito gigante do Americano do norte.

Quando senti, no meio da companhia mais selecta que se póde desejar em uma estrada de ferro, ser o unico brazileiro naquella viagem tão rapida, outr'ora feita pelos aventureiros em busca de ouro em 6 mezes, para mutuamente deleitarmo-nos com o que viamos e observavamos !

Emquanto o trem singra entre New-York e Omaha—chave da estrada para California—e, para onde convergem todos os trens de New-York, Philadelphia, São Luiz e Washington, a viagem é feita com muito enthusiasmo e animação em virtude da grande concurrencia de linhas ferreas para aquelle ponto, e d'ahi a porfia de cada uma dellas procurar bem servir ao publico. Assim, esses verdadeiros palacios volantes que irradiam de Omaha para as grandes cidades da União, têm o que ha de melhor em carros de dormir, mesas de jantar, vinhos, jornaes, emfim todos os confortos, de modo que o viajante sempre tenha, em qualquer tempo, uma recordação saudosa daquella viagem.

Como o estudo é consequencia immediata da meditação e tambem da obser-

vação, perguntarei ao leitor como poderei descrever os logares por onde passei e que ficam entre New-York e Omaha? Não fallando de Albany, capital do Estado de New-York, que tem um dos capitolios mais ricos da União; de Syracuse, centro de uma Universidade novel, porém importante; de Buffalo, notavel pelo seu enorme commercio de trigo, do Niagára um dos maiores prodigios que a natureza soube crear, e que tem merecido descripção de pennas como a de Chateaubriand e tantos outros escriptores notaveis; o que poderei dizer-vos de Chicago, a princeza dos mares interiores da União?

Figurai, leitores, uma enorme extensão de terreno arenoso, e, sobre este, uma cidade completamente regular na sua edificação. Avenidas que, pela sua directriz, perdem-se de vista; nenhum edificio velho; população, 500.000 almas; edificios magestosos do estylo *renaissance*, quer publicos, quer particulares; hoteis que, como o *Pacific* e o *Palmer*, tomam o quarteirão inteiro de uma rua; centro de uma rede de linhas ferreas que corta todo o paiz; commercio vastissimo de gado bovino e suino que é reduzido á carne e banha muito bem preparadas: eis o que

toscamente posso dizer-vos de Chicago, que não ha muitos annos gemeu debaixo das cinzas de um dos mais pavorosos incendios que o mundo tem visto.

Deixemos o trem que nos traz de New-York e entremos no hotel *Palmer* para apreciarmos uma das sete maravilhas de Chicago !

Tudo que é possivel imaginar-se, quer pelo lado do util como do bello, é alli encontrado em profusão.

Como tinha de seguir viagem, no dia immediato, a unica cousa que pude fazer foi dar um longo e agradavel passeio de carro com dous collegas meus de profissão e que estavam na direcção do *Chicago Rock Island and Pacific Railway*.

Antes de deixarmos Chicago, ouçamos o correspondente de um periodico francez sobre essa cidade, cuja traducção devo ao excellente jornal—o *Diario Popular* que se publica em S. Paulo. O correspondente, depois de alludir ao movimento commercial de Chicago, entra na descripção do modo de preparar-se a carne e a banha, começando pela matança do gado suino, e o faz com tal clareza e precisão que não posso deixar de transcrevel-a, na sua integra, nestas paginas.

E o faço com tanto mais interesse, quando me lembro que, já nas raias da cidade de S. Paulo, está se montando um estabelecimento neste genero, devido á intelligencia e perseverança do engenheiro Joaquim Salles alliado a varios nomes prestigiosos nesta provincia.

Eis o que diz aquelle escriptor :

Depois de ter-se visitado Nova-York acredita-se que o movimento das ruas, a actividade que cada um emprega nos negocios durante o dia, não podem ser excedidos : Chicago entretanto, offerece um espectaculo mais extraordinario ainda. Nas ruas principaes, State-street entre outras, a quantidade dos carros de todas as especies é prodigiosa. Os tramways reunidos em tres carros sempre cheios seguem-se numerosos. Parece, ao vêl-os, que estão presos a uma corrente sem fim, recebendo e pondo fóra a cada instante a multidão dos viajantes occupados. Os transeuntes circulam no meio de tudo isto e completam o espectaculo interessante dessa cidade que só parece existir para o trabalho.

Se nos dirigirmos para o pequeno rio de Chicago nas margens do qual estão os elevadores de trigo, o golpe de vista é ainda mais curioso. Os navios a vapor misturam seu fumo ao destes gigantescos estabelecimentos, a quantidade dos botes que a toda a hora atravessam o rio no meio dos navios mercantes, a multidão emfim que circula nas pontes dão uma especie de vertigem.

Depois de ter visto as ruas, as visitas as mais interessantes a fazer na cidade são as dos *stock yards* ou mercado do gado e dos matadouros que lhes são annexos.

Alguns algarismos darão uma idéa real deste immenso mercado de gado. Nos differentes parques de que é composto, ha logar para 25.000 bois, 100.000 porcos e 22.000 carneiros. Compartimentos especiaes pódem ainda conter 500 cavallos.

Para fazer as cercas de madeira de todos esses parques foi preciso empregar mais de 9.000 metros de taboas e vigotas. O conjuncto total desses parques occupa uma superficie igual a uma milha quadrada, isto é 2.592-100 metros quadrados

approximadamente. Cada parque é separado por avenidas destinadas á circulação do publico e dos proprietarios do gado.

Numerosos planos inclinados ha de todos os lados, para que os animaes, vindos pelos caminhos de ferro das provincias de Texas, da Pensylvania, do Ohio, etc., possam facilmente descer dos waggons de transporte para os parques, ou para que possam entrar nos matadouros onde serão abatidos.

O espectaculo que apresenta esse conjuncto de cerca de 150.000 animaes diversos a mugirem e a berrarem em todos os tons, e o movimento do publico que parece perdido nos numerosos rodeios formados pelas cercas dos parques, são quadros que só póde apresentar uma cidade dos Estados-Unidos.

A despeza occasionada pela construcção dos edificios dos *stock yards* foi de mais de 15 milhões de francos e todos os dias, effectuam-se novos engrandecimentos. Trezentos guardas fazem a policia desse estabelecimento verdadeiramente prodigioso.

Entre os numerosos matadouros dos *stock yards*, o mais consideravel é o estabelecimento *Armour and C^a*.

A usina tem um desenvolvimento tal que é com difficuldade que, á primeira vista, comprende-se sua importancia: Construida toda de madeira e sem duvida aos poucos, nunca pensou-se em executar um plano geral; tudo foi edificado ás pressas e conforme as necessidades do momento. E' um verdadeiro dedalo de alpendres e de salas enormes, que communicam por meio de corredores, de escadas, de ascençores, de pontes suspensas sobre ruas estreitas onde passam os trabalhadores, onde circula a estrada de ferro.

Seria impossivel não perder-se, sem guia, nesses immensos edificios. M. Cudahy, o director, teve a amabilidade de conceder-me todas as autorisações necessarias e de fazer-me acompanhar por um joven empregado em todos os rodeios de seu admiravel estabelecimento. E' impossivel ser mais amavel e serviçal para com um estrangeiro.

Logo que se entra nos matadouros, vai-se visitar em primeiro logar a sala onde matam-se os porcos. Chegam um por um nos compartimentos abaixo indicados; caminhos cercados de taboas trouxeram-n'os até este logar, fóra dos parques sitos nos *stock yards* onde estavam presos. Um homem agarra-os pelas pernas trazeiras e crava em uma dellas um

gancho, guarnecido de uma corrente comprida. Um outro homem collocado na galeria superior puxa a si a corrente e o porco.

O animal fica assim suspenso por uma perna e solta gritos horriveis. Seus companheiros respondem com verdadeiros uivos, mas nem por isso torna-se menos rapido o trabalho. A corrente, na extremidade da qual está dependurada a victima, rola por meio de uma especie de roldana ao longo de um trilho horisontal. O porco escorrega assim até as mãos de seu carrasco que, quasi nú, coberto de sangue crava-lhe uma larga faca na garganta. O sangue corre a borbotões, o animal não grita mais, mas vêm-se as ultimas convulsões da sua agonia. O carrasco, por meio de um pequeno movimento, faz caminhar ao longo do trilho o porco morto, passa a outro e assim por deante. Póde matar cerca de sete n'um minuto, quinhentos n'uma hora.

Não se póde considerar sem um certo horror esta carnificina.

Os gritos dos animaes e os rios de sangue produzem uma sensação de desgosto, um mal-estar indefinivel; entretanto, quando no dia seguinte, pela manhã, voltei a esta sala para desenhar commodamente, fiquei sorprehendido ao vêr que essa impressão já estava muito diminuida. O carrasco veio conversar commigo, e minha admiração chegou ao seu auge ao vêr que este homem ainda coberto de sangue de suas victimas, apenas vestido de algumas roupas, tinha uma cara distincta e doce. Fez-me discretamente algumas perguntas e quando soube que erão meus croquis destinados a um jornal scientifico francez, fallou-me então absolutamente como faria um *gentleman* instruido e intelligente. Seus ajudantes parecião ser como elle, cercavam-me e pediam-me detalhes sobre os matadouros de Pariz, depois sobre nossa grande cidade. Esses operarios americanos decididamente não são como os nossos; sua educação é superior; fizeram-me esquecer que eu estava no sangue e no meio de infelizes victimas.

Os porcos mortos e dependurados do modo que acabo de dizer desapparecem depois debaixo de um compartimento de madeira para entrarem numa piscina de agua fervendo. Ahi homens armados de compridas varas submettem-os a uma primeira lavagem. Uma especie de colher semelhante a uma grade recurvada, da largura da piscina, recolhe depois cada animal e deposita-o fazendo um meio circulo sobre uma placa de marmore. O porco é novamente suspenso a uma cor-

rente que fal-o passar na machina de raspar a pelle. Rodas collocadas em todos os sentidos pellam e raspam o couro do porco de modo a tirar-lhe as cerdas. Sahe d'ahi absolutamente nú e a corrente arrasta-o sobre novas placas de marmore onde os operarios lavam-o pela segunda vez.

Depois dessas operações e de dependurados de novo por uma perna para rolarem ainda ao longo de um trilho, vão os porcos para uma sala onde se lhes corta a cabeça e tiram-se as tripas e os miudos. Estas ultimas partes são levadas das salas reservadas á salsicharia. Effectua-se ainda uma terceira lavagem e levam as victimas para uma sala enorme onde suspendem-as ao tecto. Ha logar para 10.000 animaes nesse vasto deposito.

São emfim collocados nos refrigeradores onde permanecem dous ou tres dias sem alteração, sob a acção de uma temperatura constante de 38° Fahrenheit. Os porcos são tirados dos refrigeradores para serem cortados pelos carniceiros. O trabalho feito por esses homens é interessante, e na sala onde estão reina uma actividade prodigiosa.

Os carniceiros sabem cortar em pedaços com uma habilidade e uma presteza sem iguaes todas as partes do corpo do animal. Outros operarios levam as carnes cortadas ás diversas partes da usina onde devem ser preparadas para a venda: os quartos nos immensos fornos onde são submettidos á acção da fumaça, outras carnes para as cavas onde devem ser salgadas, outras emfim onde devem ser cozidas e postas em latas.

O resto já sabemos, isto é,—Chicago abastece os mercados estrangeiros e até a povoações bem distantes do mar no Brazil.

—Tinha de seguir com effeito para Omaha, para dalli tomar a linha de São Francisco, e, tendo de escolher, d'entre tres linhas, uma dellas, não pude deixar de preferir aquella na qual os meus amigos se achavam identificados. Tomei, portanto, a *Rock Island,* cujo superintendente foi tão delicado a ponto de dar-me um passe, inclusive um de waggon de dormir.

E' a *Rock Island* uma excellente ferrovia, com curvas de raio muito grande e o terreno que ella corta é realmente encantador, adornado de paysagens riquissimas, principalmente no Estado de Iowa. Póde-se dizer que este Estado, aliás tão novo, é um verdadeiro jardim em ponto grande. Não se vê alli miseria de especie alguma, e a casa do homem mais pobre, quando seja muito simples no exterior, está aceiada e suas plantações rigorosamente tratadas.

Terreno levemente ondulado, cortado por muitos riachos, plantações de trigo e milho escondendo-se entre as mattas baixas e ralas do clima temperado, é o Estado de Iowa digno de ser apreciado e visitado por aquelle que dedicar-se á agricultura e á industria.

Depois que atravessamos o rio Mississipi deixamos o Estado de Missouri para entrar no de Nebraska que tem por capital Omaha.

Para quem vem da Europa, a vista do Mississipi impõe respeito, considerando-se que seus rios mais caudalosos são o Wolga, o Rheno e o Danubio. Para o Brazileiro, porém, essa passagem não passa de um incidente commum. O que são esses rios,

tão fallados, comparados com o rei dos rios—o Amazonas—, com mais de 1.200 legoas de extensão e 32 legoas de largura na sua fóz? Esse gigante que pelo impulso de suas aguas adoça 60 leguas de mar?

Pela manhã do dia seguinte, depois de uma boa noite passada em uma das ricas camas dos carros *Wagner* e *Pullman*, chega-se á cidade de Omaha.

E' deste ponto que começa propriamente a viagem, d'onde se gasta justamenta 4 dias para chegar-se a S. Francisco. Os trens que vêm de New-York, Baltimore, Philadelphia, S. Luiz e Washington chegam a hora certa, de modo que é interessante ao estrangeiro apreciar os diversos typos de nacionalidade que correm ao bilheteiro em busca de passagem.

Alli tudo se transfere, visto não haver trafego mutuo entre as companhias. Aquelle que está acostumado a viajar onde umas estradas fazem concurrencia ás outras ou quasi que parallelas entre si, fica logo surprehendido com a brutalidade e falta de delicadeza dos empregados da estrada. Tudo é feito, é certo, sem prejuizo material, mas a cortezia e urbanidade des-

apparecem desde que se entra em Omaha. Sendo presentemente a melhor estrada que corta o coração do paiz, pouco se importam os agentes que os passageiros soffram ou não grosserias da sua parte.

Antes de tomar o grande trem do *Union Pacific Railway* e cujo comprimento é superior a 200 metros, os leitores hão de consentir que lhes dê mais ou menos o custo da viagem que é a seguinte:

Passagem de 1.ª classe de New-York a São Francisco.	139 dollars
Custo do carro de dormir de New-York a Omaha. . .	7 »
Idem, idem de Omaha a S. Francisco	22 »
Somma total .	168 dollars

Custa, portanto, 168 dollars um bilhete de passagem, de New-York a S. Francisco, inclusive uma boa cama de dormir.

—Como já disse atraz, carros com refeições só correm entre New-York e Omaha custando cada comida quasi 2$000 da nossa moeda, constando do que ha de melhor em iguarias. De Omaha para diante, todo o serviço é feito nas estações, cuja despeza é de 3 dollars por dia, para almoço, jantar e ceia. Ha pontos deter-

minados, como é natural para refeições, de modo que quando chega o grande trem, já está a mesa prompta, e como a demora é de meia hora em cada estação para aquelle fim, come-se com socego, e ainda sobra tempo para fazer-se um pequeno exercicio em frente a estação, examinar alguma cousa curiosa que possa ser vista naquelle breve espaço de tempo, até que o apito rouco da locomotiva nos convida outra vez a tomar nossos logares.

Como devem saber os leitores sahe diariamente de Omaha para S. Francisco um trem de passageiros que chega ao seu destino ás 11 horas da manhã do quarto dia, sahido do seu ponto inicial á mesma hora. Trabalham, portanto, 14 trens com a maior regularidade. Desde que se deixa o ponto de partida encontra-se diariamente, dous trens, um pela madrugada e outro ás 3 horas da tarde, tornando-se interessante, depois de uma viagem prolongada, notar-se a curiosidade que se apodera dos passageiros quando os dous trens se encontram.

Uns vêm do Pacifico e querem ter noticias frescas do Atlantico e vice-versa. Outros procuram saber negocios em via de execução, de amigos e parentes, etc., etc. Naquelle mesmo instante o trem de

S. Francisco atiram-nos maços de exemplares do *Daily Chronicle* com os nomes já dos passageiros do nosso trem. E ao signal de partida, aquelles magestosos trens, que parecem ser a obra mais perfeita que o homem scientifico jamais conseguiu neste seculo pôr em pratica, para conforto de seus semelhantes, deslisam-se vagarosamente e com a maior suavidade, um para o Atlantico e outro para o Pacifico. Confesso, leitores, estavamos nas planicies de Nebraska, quando pela primeira vez presenciei esta scena, completamente segregado de minha patria e de minha familia, o meu primeiro impeto foi abandonar a minha viagem para voltar de novo aos patrios lares. Acompanhei-o por muito tempo com os olhos, que quanto mais corria mais se aproximava do nosso ponto de partida.

Dei expansão aos meus sentimentos intimos na narração dessa scena, que só é devidamente apreciada por quem já esteve muito tempo fóra de sua patria.

Antes de partir vejamos o que é Omaha.

Esta cidade é uma das muitas que cresceram e desenvolveram-se devido ás circumstancias excepcionalmente favoraveis de solo, ponto facil de entroncamento de linhas ferreas, e, tambem, pelo importante

facto de ser banhada pelo grande rio Missouri, affluente do Mississipi, que a põe em communicação facil com os estados do golpho do Mexico, ao Sul, e Montana, ao Norte.

Presentemente 9 linhas ferreas procuram esta cidade, cuja população não excede a 20.000 habitantes. Tem um excellente correio, vasto hotel, eschola normal e grandes estabelecimentos industriaes.

Omaha, que é a capital do Estado de Nebraska, é ponto de partida dos aventureiros que se dirigem para Black Hills (Montanhas Pretas), notaveis pelas suas ricas minas de ouro e outros metaes em menor abundancia.

Em toda a extensão da linha desde Omaha até á Serra Nevada vê-se uma grande quantidade de *snow-sheds,* (tunneis de madeira), que têm sua explicação na grande quantidade de neve que cahe naquellas paragens, durante o inverno.

Antes que a experiencia ensinasse aos engenheiros da linha a utilidade dos *snow-sheds,* a estrada ficava quasi sempre bloqueada por muitos dias, tornando assim difficil e prejudicial o trafego da grande linha. Felizes ainda eram os passageiros, naquelle tempo, quando não eram obri-

gados a parar em alguma estação de gente turbulenta e de má catadura onde se era obrigado a ter comsigo por prevenção um revolver engatilhado, quer nas refeições, quer por occasião de dormir, embaixo do travesseiro. Estes incidentes eram muito frequentes e ouvio-os a testemunhas oculares.

CAPITULO IX

Partida de Omaha no *Union Pacific Railway*.—Uma recordação do Pai Thomaz.—Rio Mississipi.—Estações de Summit Siding, Gilmore, Papillon, Millard, Elkhorn e Waterloo.—Valle do rio Platte.—Facilidade de viajar-se nos Estados-Unidos.—Lei de Lynch.—Cheyenne.

—Havendo-me munido do necessario para a viagem, tratei logo de tomar meu assento, que se conserva rigorosamente durante toda a viagem.

Notando que o criado que faz a limpeza do trem e que deu-me idéa do Pai Thomaz do celebre drama de Mrs. Henriet Beecher Stowe, estava com as feições um pouco contrahidas para comnosco, um dos companheiros notou que alguma cousa podia alegral-o. Incontinenti correu-se o chapéu, *(hats around)* e o typo sahiu logo com 10 dollars. Ninguem avalia a mudança que se operou no semblante de Mr. Jackson. Ficou muito amavel, fez-nos mil offereci-

mentos e prometteu-nos dar todas as informações que desejassemos. Mr. Jackson era negro, de côr bem preta, mas como era livre e sob a protecção do *Civil Rights Bill* de Benjamin Butler, fazia sempra questão do Mr. antes de Jackson.

Seria meio-dia, pouco mais ou menos, (sahimos com muito atraso), quando o trem apitou para entrarmos incontinenti na grande ponte de treliça sobre o rio Missouri.

Este rio tem a mesma largura, n'aquelle ponto, do Parahyba na parte atravessada pela estrada da União e Industria entre Petropolis e Entre-Rios. A agua do Missouri tem a côr de barro, muito vermelha, contrastando isto com a côr ordinaria da agua dos nossos rios, que é sempre limpida e christalina.

Depois que se atravessa o Missouri é que o trem toma o valle do *Platte River* depois de passar por estações insignificantes como *Summit Siding*, *Gilmore*, *Papillon*, *Millard*, *Elkhorn* e *Waterloo*. Nesta ultima estação a linha atravessa um riacho, rico em peixes de boa qualidade; e que tiveram sua origem com a quéda de um waggon carregado delles, vindo de New-York com direcção á California. Quanto

ganhou o rio Elkhorn, e quanto perdeu a California!

A' tarde, logo que entramos nas planicies do *Platte river*, completamente sem ondulação alguma, debaixo de uma tempestade de chuva e vento, pareceu-me estar em mar alto, pois o quanto se póde vêr a olho nú fica completamente encoberto pelo horisonte. O viajante vê, como no mar, um circulo descripto na sua frente.

O trem deslisa-se com a maior suavidade nessa planicie—mar de aspecto um tanto monotono onde não se vê um córte ou aterro que mereça technicamente esse nome.

As campinas de Nebraska são ferteis, dão muito bom trigo, centeio e outros productos da zona temperada, assim como adaptam-se perfeitamente á criação de gado, mas o gafanhoto, (grasshopper) é um inimigo terrivel, que quando chega não deixa pedra sobre pedra, havendo occasião de commissões importantes organisarem-se no Estado com o fim unico de obterem dinheiro dos Estados visinhos para soccorrerem seus concidadãos, que ficam completamente reduzidos á miseria.

Na estação propria a gramma fica tão secca que não faltam malfeitores que com um phosphoro queimem milhas e milhas

de campo. Muitas vezes o trem atravessa grande quantidade de terreno completamente devastado pelas linguas de fogo que no seu trajecto mais de uma habitação deixa completamente reduzida á cinzas.

No Oeste, é muito sabido, não é crime, ou por outra, a justiça fecha os olhos a quem mata um ateador de campo.

A' proporção que mais nos entranhamos no continente, por conseguinte cada vez mais proximos do Eldorado Americano, noto da parte de meus companheiros de viagem um facto que raras vezes presencia-se em estrada americana.

Todos procuram ser agradaveis mutuamente, contando cada um de onde vem e para onde tenciona ir. Uma senhora ingleza, já bem madura em annos, casada com um missionario protestante, vem da Inglaterra com direcção ao coração da China e aproveita a viagem pelos Estados-Unidos por ser mais curta do que pelo Mediterraneo, isthmo de Suez e Mar-Vermelho. Outros, na qualidade de representantes de casas manufactureiras, de estabelecimentos de machinas agricolas, seguem com direcção á Australia, Honolulu, Japão, Ceylão e Hong Kong. Varias familias de importancia social na California

e oriundas de New-York, e que figuram vantajosamente no commercio e na politica daquelle Estado vêm dar maior realce e brilho á nossa viagem. Nesse grupo intelligente e avido de informações iam até duas moças solteiras, que fiadas no caracter attencioso e delicado do Americano, a sós transpunham aquelle vasto continente sem que a menor sombra de terror ou medo viesse pairar no seu espirito.

Admirados ficaram quando lhes contei de onde vinha e para onde ia, e proveilhes que minha viagem era muito facil e commoda.

Quem já fez, como eu, duas viagem do Rio de Janeiro á New-York, sabe perfeitamente que atravessa-se um mar de rosas desde a capital do Imperio até São Thomaz, com muito poucas excepções.

Deste ponto é que o mar começa a avolumar-se, a *tomar* pé, em consequencia do vento rijo que sopra do cabo Hatteras, na Carolina do Sul, que sempre traz o navegante alerta, de um lado, e as Bermudas, do outro.

E a viagem de New-York a Liverpool e vice-versa? Só quem por alli passa é que a póde contar.

De facto a necessidade obrigou o homem a construir navios adaptados áquella

passagem perigosa, de modo que, quer faça bom tempo, quer não, os vapores sulcam de lado a lado e com regularidade, com a velocidade de 13 a 14 milhas por hora. E a viagem de California ao Japão? E' tambem muito perigosa.

Na minha opinião o Atlantico ainda é leal para com os navios que sulcam suas aguas porque avisa-os do perigo. Não acontece o mesmo com o Pacifico, que apezar deste doce qualificativo, bem boas *peças* tem *pregado* aos navios, com seus repentinos e inesperados furacões.

Mas retrocedendo, porque esses passageiros trocam tantas amabilidades entre si?

E' porque naquella longa travessia o unico divertimento é lêr, conversar e commentar o que se vê.

Quem poder-se-ha entreter com os habitantes das estações em que tocamos depois que deixamos Omaha? São todos boiadeiros, homens mal encarados, armados até aos dentes e sem o menor escrupulo. A vida para elles é de tão pouco preço, que brincando não duvidam mandar um seu semelhante para outro mundo.

Grande parte da zona comprehendida entre Utah e Nebraska, com excepção do Colorado, foi povoada primitivamente por gente da mais infima especie, que matava

e roubava desapiedadamente. Afinal excediam-se tanto, que outros, menos ladrões que elles, mas que tinham algum dinheiro e propriedades e que por conseguinte desejavam a paz, reuniam-se e enforcavam-n'os todos nos primeiros postes telegraphicos que encontravam. Nesse tempo, informou-me testemunha ocular, esses malvados affrontavam de tal modo o publico, que os passageiros nunca deixavam de carregar um revolver com receio de aggressão por parte desses individuos.

Mas até no assassinato esses bandidos sabiam guardar as apparencias !

Resam as chronicas daquelle tempo que 15 a 16 malfeitores achavam-se reunidos em um *whiskey saloon* (bodega) quando lhes constou que dous de seus animaes arreiados haviam sido roubados.

As vistas dos malfeitores dirigiram-se para um mexicano de alta estatura, bem troncado, de botas e esporas de prata e que tranquillamente bebia no mesmo *saloon*. Incontinenti é preso e manietado o individuo. Entre os malvados organisou-se um jury que dirigiu-se a um quarto contiguo cheio de cartas de baralho, e em meia hora, o *foreman* (*) vinha dizer que,

(*) Presidente dos Juizes de facto.

por falta de provas não podia condemnar o mexicano. Mas a turba de malvados, com revolvers engatilhados, retorquio energicamente ao *foreman* que voltasse immediatamente ao quarto das deliberações para *fazer* justiça. Nessa occasião o jury demorou-se mais tempo e voltando novamente á sala do tribunal trouxe a condemnação do mexicano para ser enforcado no primeiro poste telegraphico encontrado.

O presidente do *celebre* tribunal, então dirigindo-se aos juizes de facto, elogiou a sentença por elles proferida, e que já prevendo este resultado, havia, *ha uma hora*, mandado enforcar o mexicano. A sentença não podia ser mais injusta, porque mais tarde, os cavallos foram encontrados mastigando cartas de baralho no quintal.

Como este, muitos outros se deram, e que ficaram impunes para sempre.

Afinal chegamos em Cheyenne que está á 516 milhas de Omaha com uma elevação de 6.041 pés acima do nivel do mar. E' conhecida pela «magica cidade das campinas» por ser a cidade mais importante da linha entre Omaha e a cidade de Salt-Lake, capital do Utah.

Cheyenne está sobre uma campina de ondulações muito leves e com a população de mais de 4.000 habitantes. Para quem

chega de uma viagem longa a parada alli é agradavel. Respira-se um ar muito puro e a attenção do viajante está sempre distrahida por muitas curiosidades daquella região, que nos são completamente desconhecidas.

Quem vê Cheyenne, fica logo admirado da grandeza em area da cidade e os nossos olhos logo descortinam importantes elementos de riqueza daquella novel povoação.

Basta notar-se que Cheyenne é ponto obrigado de todo o commercio, além de Omaha, com o grandioso e novel Estado do Colorado, cuja influencia commercial começa a sentir-se dentro da União Americana.

Dalli tambem vai-se para o Novo Mexico qua já tem communicação por estrada de ferro com o Estado visinho do Mexico.

O que mais cooperou para dar impulso e realce a Cheyenne foi a descoberta de minas de ouro nas *Black Hills*, que é tambem ponto obrigado dos aventureiros para aquella direcção; assim como suas excellentes pastagens onde criam-se milhares de bois, cavallos e carneiros. O clima é mais ameno do que frio, por conseguinte os animaes com pouco prejuizo dos *ranchmen* (estancieiros), atravessam o inverno.

Todos quanto se dedicam á criação de

animaes, procuram Cheyenne para supprimento de provisões. Alli tambem organisam grandes partidas para caçadas de buffalos, veados e outros animaes com aquelle conforto e presteza que tanto caracterisam o caçador Americano.

Para dar uma idéa aos que me leem do valor commercial de Cheyenne, sómente quanto ao transporte de gado, basta dizer que só no anno de 1874, 375 carros de gado sahiram daquella cidade e que representam 7.500 cabeças.

Em 1875 a exportação subio a 525 carros ou 10.500 cabeças de gado e com esperança de maior augmento nos annos seguintes.

Estes dados são apresentados muito de proposito para que as nossas companhias de estradas de ferro se lembrem que não é só o café que dá bons dividendos ás mesmas, mas tambem o gado vaccum, cavallar, muar e lanigero. Quem acreditará que todo o gado cortado em São Paulo, Santos e Campinas ainda vêm a pé? E' por isso que a carne que se come nessas cidades nunca póde ser superior a que se consome em New-York, Boston e outras cidades que recebem seus supprimentos do Texas pelas linhas ferreas.

A impressão que tive do caracter do povo de Cheyenne é a mesma que tem todo aquelle que não vive na campanha. Ousado, cavalheiroso, prompto para toda a sorte de aventuras, inclinado a fazer fortuna do dia para a noite, muito jogador: eis o caracter daquelle povo. Até nas mulheres notei certa falta de delicadeza feminil, quer no trato, quer no modo de andar. Parece que tudo alli é masculino!

Na estação, depois que acabamos nossa refeição rica em aves e quadrupedes daquella zona, chegou uma senhora alta, bonita, loura, dirigindo-se a todos com a maior presença de espirito, acompanhada de um formidavel cão de Terra Nova, para tomar o trem. Fui informado mais tarde que aquella mulher-homem era a *belle* (*) de Cheyenne.

Por occasião da fundação da cidade houve alli sérios disturbios, muitos roubos e assassinatos, mas o juiz *Lynch* que sempre apparece nesses logares não deixou Cheyenne emquanto não enforcou e matou por suas mãos 14 ladrões, ficando a ordem para sempre plantada na campanha do Wioming.

O hotel onde estivemos, e que pertence

(*) Nos Estados-Unidos a palavra *belle* applica-se á moça mais bonita do logar.

á companhia, é digno de observação. Tem 150 pés de comprimento sobre 36 de largura. Na elegante sala de jantar vêm-se cabeças de antilopes bem preservadas, assim como de veados, cabras montezes, veados de cauda preta e buffalos.

Em verdade senti muito não poder demorar-me mais tempo naquella cidade mesmo com o fim de visitar o pequeno Estado do Colorado que está alli muito proximo, e que pelo seu rapido progresso, quer moral, quer material, deve ser visitado por todo o estrangeiro intelligente e avido de informações uteis.

E' o Colorado tambem muito notavel pelo seu clima ameno e saudavel e a este respeito diz o Sr. Barnum referindo-se ao clima de Colorado: « Os homens de Co-
« lorado são os mais desapontados que
« tenho conhecido. Duas terças partes del-
« les aqui vieram preparados para a vida
« de alem-tumulo e não morreram. Parece
« que o ar os traz á bordo do tumulo e
« fal os tornar outra vez fortes e robustos. »

Não vi o Colorado, como já disse, mas em compensação tomemos novamente o grande trem que deslisa-se com a addicção de grande numero de novos passageiros com direcção a S. Francisco.

CAPITULO X

Utah, a terra dos Mormons.—Brigham Young.—Sua influencia e prestigio.—Cleveland dá um golpe de morte na polygamia.—Riquezas materiaes de Utah.—A cidade de Salt-Lake, seus edificios publicos e particulares.—Imprensa diaria.—Americanos aborigenes.—Promontory Summit.—Ligação da *Union Pacific Railway* com o *Central Pacific Railway*.

Eis-nos outra vez em viagem e muito perto do Utah! Não ha estrangeiro que não sinta viva curiosidade por vêr Utah, a terra de Brigham Young e da polygamia! Parece até incrivel que na União Americana essencialmente ligada ao Christianismo exista encravada uma região habitada por um povo, cuja religião não se inspira nem na moral, nem nos bons principios.

Chegamos a Utah, via Ogden, ponto obrigado para se ir a terra dos Mormons.

Alli, por uma estrada de 35 milhas de extensão chega-se á cidade de Salt-Lake, capital de Utah.

Encontramos logo dous poderes muito distinctos e fortes, um, temporal, exercido pelo Governador (*) de nomeação privativa do Presidente dos Estados-Unidos, e outro, espiritual, o successor de Brigham Young, que domina as consciencias de mais de duas terças partes da população daquelle territorio.

Estudemos a origem dessa região, desse povo, que pelo seu caracter e espirito religioso forma um contraste com o dos Estados do Sul, Norte, Este e Oeste dos Estados-Unidos.

Para este fim, é forçoso que me soccorra de algumas informações que me foram ministradas naquella região.

Quando os Mormons estabeleceram-se em o anno de 1847 em Utah, este territorio ainda pertencia ao Mexico, que em consequencia de sua má politica interna, ajudado com a ambição do seu poderoso visinho, tem visto seu territorio diminuir todos os dias em proveito dos Estados-Unidos.

Assim pelo tratado de Guadalupe Hidalgo, firmado entre estas duas potencias, em Março de 1848, passava todo o terri-

(*) Pela constituição dos Estados-Unidos os territorios, como o Utah, não elegem seus governadores nem seu corpo legislativo.

torio de Utah, Novo Mexico e Alta California ao poder da União Americana.

O governo Americano, por prudencia politica, não teve pressa em tornar effectiva a posse do territorio recentemente adquirido, e, na ausencia de qualquer governo, trataram os Mormons de estabelecerem-se por si mesmos e denominaram a nova região—o Estado do Deserto.

Isto teve logar em 1849. Em 1850, porém, o Congresso fez passar uma lei dando organisação ao territorio de Utah e o Presidente dos Estados-Unidos, Fillmore, nomeava governador de Utah, Brigham Young conjunctamente com uma série de funccionarios administrativos e judiciarios.

Ninguem avaliou, naquelle tempo, a influencia enorme que Fillmore insensivelmente ia dar a Brigham Young, que pela sua superior intelligencia e alto tino politico soube plantar naquella região uma influencia tão legitima como ninguem a teve no seu tempo, naquelle genero.

O humilde escriptor deste livro viveu nos Estados-Unidos mais de 6 annos, sabe as difficuldades que tiveram Grant, Hayes, Arthur e Cleveland, como Presidentes para exterminarem de uma vez com a instituição nefanda da polygamia e cujos máus effeitos ameaçavam extender-se aos

Estados visinhos. Basta vêr que naquelle tempo Brigham Young era senhor absoluto daquelle povo, uma verdadeira feitoria sua, por isso que os lucros daquelles immensos estabelecimentos agricolas iam todos para o cofre geral dos Mormons. Brigham Young, bem como seus sacerdotes e membros da communidade, tinham, *por lei*, tantas mulheres quantas pudessem sustentar, de modo que quem chegava na cidade de Salt-Lake encontrava muito poucas familias e estas sómente no grupo daquelles que se oppunham ás doutrinas de Brigham Young.

Todo aquelle que tem a felicidade de acobertar-se sob o tecto do Christianismo não póde deixar de horrorisar-se dessa instituição vergonhosa que fez brotar no Mormon o instincto animal, que as conveniencias da sociedade e da moral impedem mostrar aos olhos do publico.

Quanto aos homens notei que elles encaram essa instituição sem maior enthusiasmo. Quanto ao sexo fraco quem não vê, á simples inspecção, que a mulher acceitou-a sob a maior coacção ?

Qual é o povo, neste seculo, que póde aspirar o respeito e a consideração dos seus semelhantes desde que não seja for-

mado de uma aggregação de familias honestamente constituidas ?

A historia ahi está para exemplo, onde imperios de muitos annos de duração, tem sido todos submergidos, retirados completamente do mappa das nações porque, além de outros erros, não souberam incutir no espirito das familias o respeito á moral e aos bons costumes.

No Utah o quadro é tristissimo, tanto homens como mulheres criam-se como uma manada de animaes irracionaes que só cogitam de lucros pecuniarios e prazeres sensuaes.

Cada *chefe* de familia tem tantas mulheres *quantas* possa sustentar *decentemente*, notando-se que é muito natural vêr-se em Utah pais com 20, 30 até 40 filhos.

Deixam-se photographar por aquelles que lucram com a especulação, e é muito natural, quando se chega a Utah, encontrar-se á venda nas vitrinas retratos das ditas *familias*. No meio destas está o chefe e ao redor deste as adoraveis concubinas, tendo o especial cuidado de ter junto a si *sempre* a mais moça.

Pelo lado material não se deve perder a opportunidade de vêr Salt-Lake, que é

incontestavelmente uma cidade linda, quer quanto aos monumentos que encerra, quer quanto a sua posição topographica.

Ao aproximar-se o trem que vem de Ogden, a cidade, que fica a esquerda, é de uma apparencia alegre. Ruas largas com riachos que correm dentro da povoação, alinhamento longo de arvores frondosas que dão sombra e frescura aos seus lindos passeios, jardins encantadores repletos de arvores fructiferas das mais afamadas e que não cessam de espalhar seu aroma delicioso; eis mais ou menos a capital do Utah. A rua mais importante é a Main, justamente ao oeste do Hotel Walker que com o Townsend passam pelos melhores da cidade. Vale a pena tomar-se um *buggy* (*) e visitar-se a cidade para apreciar a frescura e o aroma agradavel que se recebe daquelles jardins.

Mesmo para os doentes a viagem a Utah é util por causa das suas excellentes aguas sulphurosas que tão proveitosas têm sido ás victimas de rheumatismo e dyspepsia.

Possue um excellente museu onde se encontram minereos de prata, ouro, pe-

(*) Carro de quatro rodas.

dras preciosas do deserto, trabalhos de indios e outras curiosidades.

Propriamente o que mais atrahe a attenção e curiosidade do viajante é o Tabernaculo, o templo dos mormons, onde são observadas suas ceremonias divinas, estando junto ao mesmo o novo templo em construcção e que já deve estar prompto.

A residencia do fallecido Brigham Young é tambem digna de vêr-se, e justamente opposta á esta fica a magestosa residencia de Amelia, conhecida pela favorita predilecta de Brigham Young em outro tempo.

Salt-Lake tem tres jornaes diarios : o *Daily News*, o orgão reconhecido da Igreja dos Mormons, o *Daily Herald* que é um pouco mais adiantado e o *Daily Tribune* orgão dos *gentiles*. (*)

—Muito podia escrever sobre o mormonismo, sobre os falsos alicerces em que elle se assenta, porque para isso colhi apontamentos de sobra, mas como o fim deste livro não é mais do que um ligeiro apontamento de viagem, deixemos Utah com seu cortejo de excentricidades

(*) *Gentiles*, qualificativo dado pelos mormons áquelles que não commungam com a sua seita.

e volvamos de novo a Ogden em continuação á nossa viagem.

De Ogden a S. Francisco temos sómente dous dias de viagem e este facto não deixa de produzir geral contentamento aos passageiros, porque desde que deixamos Omaha temos nos encontrado sómente com Americanos de baixa esphera e má catadura e com os taes Indios mansos, que em ociosidade e horror ao trabalho, rivalisam perfeitamente com os nossos. Não ha meio de fazel-os trabalhar, só cogitando da pesca e caça.

Se por acaso os Americanos mantivessem seus tratados com os Indios em toda a sua plenitude o Oeste não se abriria á immigração. E ha infelizmente neste paiz quem acredite na catechese como se essa gente fosse susceptivel de desenvolvimento intellectual e material!

Parecia que a latitude em que encontrei-os, á par do genio progressivo do Americano, podesse influir de algum modo para que essa infeliz raça tratasse de *andar*. Mas, engano completo!

—A natureza e topographia do terreno estão indicando que vamos entrando em uma região rica em mineraes, principal-

mente prata que forma quasi exclusivamente a riqueza do Estado de Nevada.

Antes de descrevel-o demoremo-nos um pouco na estação do Promontory que ainda está a 814 milhas de S. Francisco.

Este logar merece um pequeno espaço neste livrinho de viagem, por ser aquelle onde encontraram-se, pela primeira vez, as duas linhas ferreas, uma vindo do Atlantico e outra do Pacifico.

Foi justamente no dia 10 de Maio de 1869, que as duas estradas rivaes aproximaram-se uma da outra para se proceder á sua ligação.

« A's 8 horas da manhã, segundo uma « testemunha ocular, os espectadores co- « meçam a chegar; ás 9 horas e um « quarto o apito do *Central Pacific Railway* « faz-se ouvir e o primeiro trem chega « trazendo grande numero de passageiros « do Oeste. Em seguida dous trens « addiccionaes chegam de Leste no *Union* « *Pacific Railway*. A's onze horas menos « um quarto, trabalhadores chinezes co- « meçam a nivelar a superstructura para « assentamento definitivo da linha. A's « onze horas e um quarto chega o trem « do governador Sanford, Presidente do « *Union Pacific Railway* todo embandei- « rado com as côres da Republica, ver-

« melha, branca e azul. O ultimo dor-
« mente é collocado ; tem 8 pés de com-
« primento sobre 8 pollegadas de largura
« e 6 de espessura. Era de uma madeira
« da California muito bem polida e or-
« nada com uma inscripção sobre prata :
« *O ultimo dormente assentado na estrada*
« *do Pacifico, 10 de Maio de 1869* Em
« seguida vem os nomes dos directores
« e empregados do *Central Pacific Railway*.
« O ponto exacto de contacto entre as
« duas linhas está justamente a 1.058
« milhas ao oeste de Omaha. A loco-
« motiva *Jupiter* do *Central Pacific* e a
« n.º 119 do *Union Pacific* puzeram-se
« em movimento e foram collocar-se a 30
« pés de distancia, uma da outra.

« Antes de meio-dia telegraphou-se para
« Washington que o assentamento do ul-
« timo dormente da estrada que devia
« communicar o Atlantico com o Pacifico
« seria communicado a todas as estações
« telegraphicas do paiz e incontinenti
« grande numero de pessoas reuniu-se na
« estação do *Western Union Telegraph*
« *Company* para receber as felicitações.

« Os directores mandaram collocar uma
« bola magnetica em posição saliente de
« modo que todos pudessem presenciar a
« scena que ia dar-se, ligando a mesma

« com as linhas do paiz. New-York, « New-Orleans e Boston immediatamente « responderam «Prompto».

« Em S. Francisco o telegrapho ligou-se « com o alarma da torre da igreja, afim « de que os sinos espalhassem a noticia, « logo que a ceremonia tivesse logar.

« Esperando-se com impaciencia, final- « mente chegou um telegramma do Pro- « montory ás 2 h. e 27 m. da tarde: « «Quasi prompto, descubram-se porque « neste momento faz-se oração». Por um « momento o apparelho estava silencioso, « quando o martello do magneta começou « a bater *um, dous, tres;* o signal.

« Outra pausa de poucos segundos, e « ás 2 horas e 47 minutos da tarde a « estação do Promontory dizia a Chicago, « Washington, New-York, S. Francisco « e outros pontos: *Ligação feita.*

« Incontinenti telegraphou-se officialmente « á *New-York Associated Press* (*) o se- « guinte: *Promontory Summit, Utah, Maio, « 10, 1869. O ultimo trilho assentado. O Pa- « cific Railway completo. Ponto de juncção, « 1.086 milhas ao oeste de Omaha e 690 « milhas á leste da cidade de Sacramento.*

(*) Associação jornalistica em New-York encarregada de obter noticias de todo o mundo civilisado para os jornaes diarios da União.

« Lelan Stanford, Presidente do *Central*
« *Pacific Railway*, F. C. Durant, Sidney
« Dillon e John Dupf, Directores do
« *Union Pacific Railway*.

Eis o resumo dos incidentes que tiveram logar por occasião da conclusão da estrada de ferro mais longa do mundo, que ligou por uma cinta de ferro o Atlantico com o Pacifico, pondo, assim, em melhor contacto o Oriente com o Occidente. Pelo lado da União a conclusão desta estrada foi de um grande alcance, não só politico como commercial, forçando assim a homogeneidade de vistas que se nota entre os Americanos, quanto aos altos interesses do paiz, quer sejam do Oeste quer do Leste.

Assim ficaram resolvidas e aplanadas quaesquer questões, politicas ou financeiras, que mais tarde podessem sobrevir entre os Estados banhados pelo Atlantico e pelo Pacifico.

Possam estas pequenas considerações servir de espelho para a direcção politica do Imperio do Brazil, cuja indivisibilidade temos o dever de manter em toda a sua plenitude.

CAPITULO XI

Estado de Nevada.—Rheno.—Carson.—Virginia City.—Minas de Comstock, Orphir, Gould e Curry.—Sacramento, capital da California.—Sonoma e Vallejo. General Don Mariano Vallejo.—Oakland, uma especie de Nictheroy em S. Francisco.—Chegada.—Hoteis Palace, Lick, Grand e Baldwin.—Anniversario da tomada da Bastilha.—A raça hespanhola em decadencia.—Usos e habitos dos S. Franciscanos.—*Bonds* aperfeiçoados.—Considerações sobre o trabalho chinez applicado ao Brazil.

Continuando a nossa viagem tão interrompida, volvamos nossas vistas para São Francisco.

Estamos atravessando o importante Estado de Nevada cuja paysagem é pobrissima e a ninguem seduz. A feição de todo o paiz, não sei se me exprimo bem, parece-se com as ondas verde-escuras de um mar tempestuoso prompto a tragar tudo que lhe appareça á vista. Portanto, não póde deixar de ser em geral montanhoso o terreno, cortado por serras quasi despidas de vegetação.

Nos valles, que são muito estreitos, é onde a vegetação, educada pela mão intelligente do homem torna-se risonha e luxuriante, comquanto, ha poucos passos, o homem que quizer viver, tenha forçosamente de trabalhar em mineração.

Em Nevada, o mineiro chega com uma preocupação, que é—trabalhar, ganhar dinheiro e voltar mais tarde para o seu Estado natal.

Nenhum dos que me lêm póde avaliar a grande quantidade de companhias de mineração que ahi existe sómente com o fim de extrahir prata e ouro. O unico meio é levar o leitor para as columnas do *New-York Herald* para certificar-se das minhas asserções.

Temos atravessado, emquanto prestamos obediencia á jurisdicção de Nevada, numerosas estações e tão seductoras na apparencia, que nos convencem que afinal vamos vêr civilisação depois de 6 dias de viagem.

Já estamos em Rheno, situado a 293 milhas de S. Francisco, ponto de entroncamento da *Virginia* e *Truckee Railway* com a nossa grande linha.

Rheno é a primeira cidade em que chega-se e que tem dous trens diarios para S. Francisco.

Todos estão anciosos por verem logo o ponto terminal de viagem. Vamos chegar justamente na vespera do anniversario da quéda da Bastilha (14 de Julho) que é annualmente festejado, com muito enthusiasmo, alli, pelos representantes da *Belle-France*.

Tenham paciencia os leitores. Façamos ainda uma pequena digressão á esquerda conduzindo-os espiritualmente á Virginia City, uma das cidades mais interessantes da Costa do Pacifico.

Todo aquelle que ahi chega, vai com a preoccupação do Irlandez, nos Estados-Unidos, e a do Portuguez, no Brazil, isto é, encontrar ouro, nas ruas, mas, infelizmente, só vê poeira ou lama. A sua população é de 20.000 habitantes, mas é o centro das companhias mais ricas do mundo.

A população, a principio, parece menor do que o é na realidade, visto ser muito limitada a area da cidade, mas ninguem se lembra que um terço da população vive em profundidades de 2.000 pés, onde ha casas e ruas.

Actualmente o ouro é tirado de uma grande profundidade, e para o esgotamento das aguas ha bombas que aspiram-n'as de 3 a 5.000 pés de profundi-

dade. Os lucros da mineração do ouro são ainda muito satisfactorios, mas em certas e determinadas emprezas com dependencia de enormes capitaes.

Diz muito acertadamente um escriptor referindo-se á caprichosa Virginia City: « Esta cidade toca aos extremos, não só « em preços, como em especulação, ca- « racter, actividade, espirito de iniciativa, « deboche e vida domestica. A riqueza « e a pobreza alli estão bem represen- « tadas e bem assim todas as nações do « globo ».

Um grande consolo: Naquella pequena cidade ninguem desesperou do seu futuro, porque dalli têm sahido fortunas fabulosas. Até os criados, de ambos os sexos, bem como o ente mais miseravel que vive no mundo, jogam francamente na bolça.

Nesta lucta titanica pela riqueza existem homens, que ha bem pouco tempo, eram meros operarios e que, hoje são millionarios, membros do congresso, presidentes de bancos, etc., etc.

Quem ainda não ouviu fallar nas minas de *Comstock, Orphir, Gould e Curry, California, Hale e Norcross*? E as minas de *Bonanza*, que por mais de um anno deram *mensalmente*, aos accionistas, 4.000 e tantos contos de dividendos?

Vamos á estatistica que é trabalho arido, mas convincente.

Durante o anno de 1875, nos tres primeiros mezes, a receita bruta foi de mais de 60.000 contos. Em Março de 1876, (anno seguinte), o ouro produziu mais de 7 mil contos. O producto total das duas minas *California* e *Virginia* excedeu de 50 milhões de dollars ou mais de 100 mil contos da nossa moeda.

Cremos ter dado uma idéa ainda que rapida do que é Nevada, sentindo não entrar em minudencia sobre o processo de separação do ouro das partes estranhas, e outros trabalhos, que não comportam um mero livro de viagem.

Deixemos Virginia com seu barulho infernal, esse povo que só adora Vulcano, Baccho e Venus, que não cogita do futuro, mas do presente: desse povo que na sua febre desenfreada e ardente de ganhar dinheiro levantou do pó da sociedade homens que, como D. O. Mills, Fair e Flood possuem hoje, cada um delles, 60 a 70.000 contos! E tudo isto ganho em menos de 10 annos!

—De Virginia voltamos pela mesma linha passando por Carson, capital do Estado. Este ramal ferreo custou muito dinheiro e tem curvas de raio tão minimo,

que até narram as chronicas, com espirito, a historia de um machinista que percebendo na frente da linha, em uma curva apertada, uma luz vermelha, abandonou o seu posto incontinenti, para, mais tarde, verificar que elle se havia assustado com a luz do ultimo carro do seu proprio trem. Nesta linha correm mais de 50 trens diariamente e passa pela linha mais rendosa dos Estados-Unidos.

—Estamos outra vez no grande trem, e, apenas, ha uma noite de viagem de S. Francisco.

Vamos acompanhando o valle do rio Truckee, passando por estações como Verdi, Poiser Creek, Proctor, Strong Cannon até chegarmos á estação do Summit que está a 7.017 pés acima do nivel do mar. Estamos no ponto mais alto da linha, nas Montanhas Rochosas, unica serra visivel que encontramos desde que deixamos New-York.

Devemos aqui dizer que a estação de Sherman, entre Ogden e Omaha, está a 8.242 pés acima do nivel do mar, portanto muito mais alta que Summit, mas a subida é feita com tal suavidade que mal se percebe a grande altura em que se está com relação a outros pontos da linha.

—De Summit começa-se a descer, e o panorama a nossa esquerda e a frente, é o que ha de mais encantador em paysagem. O terreno já é delicadamente ondulado e a vestimenta dos arvoredos, mais rica.

Estamos, finalmente na cidade de Sacramento, capital do Estado da California, que estando já á nossa vista, faz com que o trem repouse por vinte minutos.

Achamo-nos em uma cidade de 22.000 habitantes, de origem mexicana, que além de possuir 3 hoteis regulares, tem o Capitolio onde reside o Governador. E' banhado pelo rio Sacramento que é navegavel até a embocadura no Pacifico por uma myriada de vapores mercantes e de recreio. As casas são regulares e cada uma dellas possue uma coberta inclinada que sahe pouco abaixo da beirada do edificio, indo outra extremidade projectar justamente sobre a extremidade do passeio, de modo que emquanto aqui incommodamo-nos muito quando nos roubam o guarda sol, o povo de Sacramento, fresco e socegado, passeia, faz seus negocios, visita o amigo, quer faça sol ou chuva.

Eis uma ideia acceitavel em paizes tropicaes, como o Brazil, sem risco de americanisarmo-nos.

Os arredores de Sacramento são encantadores, campos ricos de criação de gado bovino e lanigero ostentam-se á nossa vista, e em outros pontos, vivendas luxuriantes, escondidas por frondosas arvores, avistamos ao passar o trem.

Começamos a observar que o povo já é mais docil, mais civilisado e mais atractivo.

Passamos perto de Sonoma onde ainda hoje reside Don Mariano Vallejo, ultimo Governador da California no tempo que pertencia ao Mexico, o ultimo tronco e talvez o mais importante da familia mexicana naquellas paragens. Em seguida vem Vallejo e Benicia cidades importantes e que trazem o nome do velho general mexicano e sua senhora.

A's 11 horas chegamos em Oackland, uma especie de Nictheroy em S. Francisco onde termina a linha. Deste ponto a New-York, por qualquer das linhas de Chicago a distancia é de mais de 1.000 legoas !

De Oackland passageiros e bagagens são transportados em uma barca grande e espaçosa indo em direcção ao cáes da rua Market, a mais commercial da cidade. Eis-nos chegados á terra do Eldorado !

Em S. Francisco ha hoteis soberbos como o Baldwin, o Lick e o Grand, mas

incontestavelmente o rei dos hoteis alli é o Palace Hotel, que pelo aprimorado gosto de construcção, magnitude em area, excellencia em conforto e aceio não tem rival no mundo. Tomei aposentos nesse palacio magestoso, onde á razão de 5 dollars, por dia, vivi como um lord 10 dias. Logo que me apresentaram o livro para assignar o nome, Mr. Smith, o gerente do escriptorio, que tem a habilidade de reconhecer qualquer individuo depois de 15 annos de ausencia e ainda chamal-o pelo nome, disse-me que já naquelle hotel havia se hospedado o Imperador do Brazil em 1876. Naquelle mesmo hotel tambem esteve algumas vezes a officialidade da nossa marinha—a Guanabara—que foi recebida principescamente pelo Governador e povo da California, segundo informações de pessoas que alli conheci.

Chegamos em S. Francisco no dia 13 de Julho tendo occasião de assistir no dia seguinte uma grande parada feita pela colonia franceza, que em numero é alli muito respeitavel, assim como uma festa de caridade feita pela mesma colonia no Woodward's Garden, o passeio publico mais imponente daquella cidade.

E' S. Francisco digno de ser visitado não só pela sua historia cheia de aven-

turas, como tambem pela sua excellente posição topographica.

A sua vasta bahia, povoada de navios do Oriente e do Occidente, deu-me idéia da do Rio de Janeiro por ser larga no seu seio e muito estreita na entrada. O vulgo denominou-a *the Golden-Gate* (a porta de ouro) porque muito poucas cidades poderão ufanar-se de terem no seu seio tanta riqueza e tantos millionarios. E' a terra do luxo e do conforto, sem ostentação, e em sagacidade e espirito de iniciativa o povo de S. Francisco não encontra rival.

Não sabemos se pelo facto de ter sido S. Francisco primitivamente uma possessão mexicana, o que é exacto é que achei o povo dalli mais ameno e expansivo do que nos Estados de Leste. Pareceu-nos, (póde ser isto um erro de apreciação), que o Californense possuia as boas qualidades tanto da raça latina como da teutonica.

Americano do sul e latino tinha muito desejo de conhecer aquelle grande paiz de que tanto me fallava o venerando e sympathico Don Mariano que conheceu toda a costa do Pacifico quando aquillo tudo se achava despovoado e em embryão.

Contemplo tantas cidades e villas como S. José, S. Leandro, Santa Clara, São Joaquim, Benicia e Vallejo, nomes todos de origem hespanhola, mas oh! desillusão cruel! Estas familias mexicanas ou estão completamente extinctas ou mudaram-se em massa para muito longe do paiz! Fiz o papel do Portuguez que vai a Amsterdam e ao contemplar os estabelecimentos commerciaes vê uma grande quantidade de nomes portuguezes oriundos daquelles expulsos no reinado de D. João V, mas tragando a infelicidade de não encontrar um só que falle a lingua de Camões.

Nenhum monumento, ainda o mais tosco, que atteste terem alli vivido e governado mexicanos!

Sabe-se sómente que California pertenceu ao Mexico pela historia.

Os aventureiros americanos com sua energia conhecida e louco desejo de ganharem dinheiro entraram alli com tanta furia, e em tão grande massa, que nem os proprietarios de terrenos foram respeitados nos seus direitos. As familias mexicanas attonitas e assustadas abandonaram tudo que possuiam diante dos vandalos que não respeitavam nem leis, nem direitos adquiridos.

Numerosas caravanas sahiram de New-York e outros pontos da União, a pé, e depois de 6 mezes de viagem chegavam á California quando não eram interceptadas pelos Indios. Outras mais felizes foram por mar em navios de vela ou á vapor dobrando o cabo de Horn.

Foi uma emigração assombrosa e que passou até ao delirio!

Ouçamos neste momento Don Mariano que a feliz circumstancia de ser o autor destas linhas amigo de um seu neto, teve a fortuna de conhecel-o pessoalmente e com a maior intimidade:

« A immigração alli foi tão grande, « dizia elle, que, sem embargo dos tra- « tados solemnemente estipulados entre a « União Americana e o Mexico, eu, (Don « Mariano) que possuia quasi todo o São « Francisco fiquei completamente sem « uma vara (*) de terreno.

« Tomaram e saquearam tudo que eu « tinha e ainda edificaram predios nos « meus terrenos. Se quiz ter hoje um « pedaço de terreno (que é o que actual- « mente possuo em Sonoma), tive de « compral-o de novo.

« A Goat Island, onde o Governo Fe-

(*) Ainda hoje empregada nas medições lineaes.

« deral tem hoje um grande arsenal é
« minha propriedade e estou com von-
« tade de entregar minha causa ao
« Ex-Senador Roscoe Conkling.»

Disseram-me alli que o velho General para não ficar mais arruinado do que estava, fizera casar suas filhas com dous Americanos que alli foram em busca de ouro e que provaram mais tarde serem muito dignos da confiança do digno ancião.

Com uma neta do General tambem casou-se o Sr. Marques Lisboa, com quem correspondi-me uma vez, levando, mais tarde, o facto ao conhecimento de um seu parente o meu collega e amigo Dr. João Martins da Silva Coutinho.

—A primeira vez que tive a fortuna de conhecer pessoalmente Don Mariano foi em 1876 quando elle vinha de volta de uma missão diplomatica junto a Porfirio Diaz, Presidente do Mexico, a mandado do gabinete de Washington por causa de questões de limites entre os dous paizes.

Vinha elle muito pesaroso, porque era a primeira vez que visitava sua terra natal desde 1848. Sahia elle de um paiz como a California, cujo progresso rapido acompanhou na sua vida para vêr o Me-

xico moribundo e em estado constante de agitação politica.

E prophetisou-me com as lagrimas nos olhos, a absorpção completa do seu paiz, não pelas armas, mas pelo genio civilisador do povo Americano.

Esta prophecia poderá realisar-se, porém, em um futuro ainda muito remoto. Emquanto não houver perfeita homogeneidade de vistas entre os Estados do Norte e os do Sul será um erro da parte do governo norte-americano engrandecer seu territorio á custa de conquistas. Já James G.Blaine, talvez o politico mais influente do partido republicano naquelle paiz, dizia no Senado, alludindo á possibilidade de uma guerra entre os dous paizes, que seria isso um grande erro ainda que corôado pelo mais feliz exito porque, dizia elle, «*we have too many Southern States*» nós temos Estados do Sul demais.

Assim se exprimindo, Blaine queria dizer que os Estados do Sul tendo até agora votado francamente no partido democratico era muito natural que, o Mexico uma vez dentro da federação, tambem votasse de accôrdo com seus visinhos cujas condições de clima e raça muito influiriam para esse aconchego de vistas. Prophetisava elle assim a decadencia do

partido republicano e portanto a ruina politica do Norte que até aqui tem dirigido os destinos da União.

Feitas estas considerações, vamos dar uma pequena descripção da cidade.

Apezar de edificada sobre uma colina com ondulações bem salientes, a cidade está construida com regularidade como todas as cidades Americanas.

A rua mais importante é a Market onde estão os hoteis Palace, Lick e Baldwin e que corre de Nordeste a Sudoeste. A Market é como o Broadway em New-York, uma rua divisoria. Ao norte desta todas as ruas têm 70 pés de largura e cortam-se a angulos rectos, correndo quasi na direcção de norte a sul com quarteirões de 275 pés de largura. Ao sul da Market as ruas de mais de uma milha de comprimento correm quasi que parallelas.

O movimento commercial é todo feito na rua Market sendo o de retalho nas ruas Kearney, Montgomerry e ruas 3.ª e 4.ª Tudo alli respira novidade e juventude. Até as duas horas da tarde a temperatura é um pouco quente, mas depois dessa hora começa a baixar a temperatura havendo até necessidade de um *cavour*.

E' quando velhos e moços começam a passeiar.

A'quella hora estão os passeios (*side-walks*) apinhados de moças bonitas, vestidas á ultima moda de Pariz, sosinhas ou acompanhadas de seus inseparaveis *beaux*. (*)

—Os theatros alli são excellentes como o Baldwin e o Wade's Opera House que possue seguramente o primeiro candelabro de que ha noticia. E quando querem bons artistas não olham para preços.

Arranjam trem especial desde New-York até S. Francisco e exigem das companhias que a viagem seja feita, não em 7 mas em 3 dias, como aconteceu com Lawrence Barret e Davenport, quando convidados para aquelle fim.

A cidade é bem abastecida de agua vinda das Montanhas Rochosas, mas o preço é excessivo pela grande distancia dos mananciaes. Muitas familias alli pagam mais pela agua do que pelo aluguel de seus predios.

—O governo federal tem um edificio importante que é a Casa da Moeda com um machinismo de cunhagem que não tem rival.

(*) *Beau*, palavra franceza, mas significando entre os Americanos a palavra—namorado.

Quem conhece a producção da prata e ouro na costa do Pacifico póde fazer ideia da enorme quantidade de metal cunhado naquelle vasto edificio.

A cidade não é rica sómente em edificios publicos, o é tambem em particulares. As residencias de D. O. Mills, Flood, Fair, esses Cresos do Pacifico, os edificios dos Bancos de Nevada, (onde descontei meus cheques), de California, Biblioteca Mercantil e Praça do Commercio são edificios de construcção moderna e de apparencia agradavel aos olhos do estrangeiro.

Tambem prendeu-me a attenção o estabelecimento de Wells, Fargo & Companhia, empreza de encommendas e bagagens para todos os pontos do paiz, construido todo de granito importado da China.

O povo de S. Francisco é um pouco livre no seu modo de viver e nesse ponto elle se parece muito com o Brazileiro. Vivem em casas muito confortaveis mas gostam de passar o dia inteiro fóra de casa, em clubs, segregados completamente do lar domestico.

Logo que cheguei, o Sr. W. T. Colleman, cuja hospitalidade muito captivou-me, apresentou-me no *Union Club*, que por 15 dias tive licença para frequentar.

Esses clubs que são varios naquella cidade são sustentados pelas classes mais favorecidas de S. Francisco. Ha alli bilhares, toda a qualidade de jogos licitos e tambem illicitos, pagando-se para seu uso sómente o necessario para o custeio do estabelecimento. Alli tambem almoça-se, janta-se e ceia-se.

Cosmopolita na verdadeira accepção da palavra, em S. Francisco as nacionalidades do mundo inteiro estão bem representadas. Na praça do Commercio vê-se em profusão capitalistas Americanos, Inglezes, Irlandezes, Chinezes, Japonezes e cremos que até Portuguezes.

Para quem está alli por poucos dias e quer aproveitar o tempo, um dos melhores passeios é com direcção ao Cliff House, hotel situado em posição de apreciar-se uma vista magnifica do Oceano Pacifico.

Em frente ao hotel, em companhia de um amigo, representante da *Rock Island Pacific Railway*, lançando nossas vistas para aquelle Oceano tão pouco conhecido de nós, vimos um pequeno archipelago, ha pouca distancia do hotel, de rochas núas povoadas de phocas, que o Governo Federal zela com cuidado especial e á nossa direita a entrada estreita do porto de S. Francisco—*the Golden-Gate.*

E' por aquella porta bem guarnecida por Uncle-Sam, (*) que demandam todos os vapores da China, Japão, Australia, Honolulu, Mexico e Panamá, e outros pontos do globo.

Outro passeio que deleitou-me muito foi o Woodward's garden, o passeio publico predilecto de S. Francisco. Quando cheguei estavam alimentando as phocas que elles denominam leões do mar. O aquario é importante, e como este, disseram-me, que não ha rival na America. Passaros, animaes de varias qualidades, fructas, flôres, museu, galeria de pintura de mestres estrangeiros e nacionaes fazem do Woodward ponto obrigado para touristas. Vi tambem um pé de café, de dous annos pouco mais ou menos como uma raridade, em estufas. Pareceu-me que o café não estava muito longe de fructificar alli, visto estar S. Francisco não muito longe do Mexico e da America Central.

—As vias de communicação alli são optimas e os arredores da cidade, apezar de suas sérias ondulações, são muito percorridos por carros de qualquer systema.

(*) Symbolo da nacionalidade americana.

Quanto a *bonds* creio que elles já disseram a ultima palavra pelo que vi.

Occupar-me-hei, posto que em breves palavras de um melhoramento alli posto em pratica por algum tempo, e com bons resultados.

Quando se desce a *California Street* e toma-se á esquerda da mesma rua, começa-se a subir, tanto que nem carros de praça podem alli ser utilisados.

Como a cidade extende-se muito naquella direcção, usa-se então um *bond* especial, muito baixo, com tres trilhos, sendo um central. Embaixo deste trilho trabalha uma corda sem fim, em sentido longitudinal, que é movida por uma machina de vapor com sufficiente potencia para muitos *bonds* que trabalham naquella linha.

O *bond* tem dous *breaks*. Considerando que os dous *breaks* occupam dous homens, com o conductor, tres são os empregados que occupam cada *bond*. No trilho central ha, em toda a sua extensão, uma pequena abertura, de largura tal, que permitte á uma especie de thesoura apertar a corda sem fim quando se queira fazer andar o *bond*, desapertando o conductor da parte inferior immediatamente as rodas para imprimirem-lhes movimento.

Quando se queira parar, o movimento é justamente o inverso, e é quasi que instantaneo. As manobras são feitas todas ao toque de campainha.

Sóbe até com 30 % de declive e com tanta ordem e macieza, que, á primeira vista, não se sabe como o serviço é feito. Ninguem póde vêr a corda, mas apenas, um bondesinho muito aceiado e baixo subindo e descendo, sobre tres trilhos, ladeiras tão ingremes de arrepiar os cabellos.

Param e andam com mais facilidade do que se fossem puchados por animaes. Ha dous assentos lateraes e dous transversaes, que accommodam 20 pessoas e tão baixos que tornão-os muito commodos para entrada e sahida dos passageiros.

Disseram-me que este melhoramento sobre *bonds* foi previlegiado nos Estados-Unidos pelo Sr. Beauregard e admira-me que até agora isto não tenha sido posto em pratica nas grandes cidades do Brazil, muito principalmente no Rio de Janeiro, que em viação urbana e suburbana, não tem muito que aprender do estrangeiro. Todavia, os bairros da Tijuca, Santa Thereza e Corcovado ficariam melhor servidos com o systema de Beauregard do que com os actuaes em uso.

Creio que é tempo de pôr-se termo a estas considerações, volvendo nossas vistas para a missão especial que levou-me á S. Francisco.

A minha viagem aos Estados-Unidos, naquelle caracter, não deixou de ser mal interpretada por alguns, que oppunhão-se tenazmente á introducção dos filhos do Celeste Imperio no nosso paiz.

Eu mesmo recordo-me que em 1878 combati a sua introducção em uma discussão entre dous cavalheiros na *Provincia de São Paulo*.

A historia da California, porém, que deve ser o nosso melhor pharol, nos explicará no capitulo seguinte, se, a despeito de tantas invectivas atiradas contra os Chinezes, elles ainda nos podem ser uteis para o futuro. E se assim me exprimo é porque escrevo, não para uma provincia, mas para todo o Imperio.

O Brazil, já foi dito neste pequeno livro, não está situado na mais bella porção da America Meridional, para receber o maior influxo de immigração intelligente possivel, como se quer por força dizer; ao contrario, uma parte bem diminuta, relativamente fallando, presta-se a esse exodo civilisador pelo qual tanto suspiramos.

O Brazil pelo seu clima, em geral torrido, não está em condições de preferir uma nacionalidade a outra, muito pelo contrario, deve facilitar a vinda de todos quantos lhe possam ser uteis, quer pelo lado intellectual, quer pelo lado material. Já o Dr. Coelho Rodrigues disse, com muito criterio e previsão, que o Brazil não era no seu todo fadado para os homens de olhos azues.

Nós todos vemos que a immigração que aqui apparece, dirige-se de preferencia para o sul, em procura de climas que mais se adaptem ao seu systema de cultura e industria.

Quanto ao norte, que está muito perto da Europa, apenas a 12 dias de viagem, porque ella para alli não se encaminha? Porventura as terras alli não são tão boas, como as nossas do sul? Qual o motivo? E' muito simples. As causas são muito conhecidas e já tem o cunho das leis naturaes.

E' inutil querer-se que germinen em clima tropical plantas do clima temperado. Assim tambem é o homem, que por certo não passará de um clima temperado para um torrido, a não ser com grandes vantagens.

Poderão dizer-me que muitos Européus emigraram para suas respectivas colonias e vivem com muita commodidade, mas é forçoso que eu diga que esses individuos, que para alli se dirigiram, foram como proprietarios e não como trabalhadores.

No Ceylão o homem rico gosa tanta saude, em vista dos confortos que tem, como na Europa, e é claro que essa condição toda particular não póde ser applicavel tambem ao trabalhador.

Fallemos sempre a verdade, e com esse nobre intuito devemos sempre dizer em alto e bom som que emquanto houver para o Europêu um metro quadrado de terra de clima temperado, no sul, elle não se dirigirá para o norte.

Nós todos vemos que a lei Cotegipe está produzindo seus fructos com mais rapidez do que se esperava; que em muito breve tempo a escravatura estará extincta em todo o Imperio; por ventura não é caso de perguntar-se a duas terças partes da nossa população, qual o seu futuro, por isso que muito brevemente não terão mais escravos e a immigração não aportará ás suas plagas emquanto houver espaço no sul?

Eis uma questão grave, eminentemente importante, sob todos os aspectos que se encare, e que convem ter uma solução immediata.

O norte, pelas suas riquezas naturaes, uberdade de suas terras, que chega ao ponto de matar a iniciativa do homem, precisa de um germen novo para a constancia do trabalho, e eu não vejo nenhum outro elemento mais adaptado áquelle clima do que o Chinez.

Quem viajou e estudou a carta do Pacifico, sabe que o Chinez tem sido até aqui um auxiliar poderoso ao archipelago de Honolulu, para o fabrico de assucar, que em qualidade, é superior ao nosso. Que mal faria a Pernambuco, á Bahia e outras provincias do norte, cujas lavouras estão em sensivel decadencia, que os Chinezes fossem auxilial-as com a sua constancia e pontualidade como operarios? Que mal faria ao antigo e legendario Maranhão, hoje mais em decadencia do que outra qualquer provincia, que o Chinez para alli se dirigisse rehabilitando não só a sua agricultura como a exploração de suas ricas e afamadas minas de ouro que mereceram o estudo e dedicação de um dos seus mais distinctos

filhos o fallecido Senador Candido Mendes ?

Só a coragem e sobriedade do Chinez poderá affrontar as febres palustres que reinam naquella provincia, como deu disto prova quando dessecou os pantanos nas visinhanças de S. Francisco. E se quizerem vir para o sul porque havemos de impedil-os ?

Fallem muito embora do Chinez, mas o que é exacto é que não se equilibra a receita e despeza de um paiz sómente com discussões absolutas e abstractas. Acceitemos o facto como é realmente.

No capitulo seguinte descreverei o que é o Chinez em S. Francisco, a sua utilidade em todas as profissões, a sua constancia no desempenho de qualquer trabalho, emfim ; o impulso que esse povo que vive aos magotes, sustentando-se, como se diz erroneamente, de arroz e rato, deu á Costa do Pacifico.

Direi tambem, apoiado no testemunho do Ex-Governador Low, Presidente do Banco da California ; Mr. W. T. Colleman, a quem fui especialmente recommendado pelo nosso Consul em New-York, e Mr. Seward, Ex-Ministro Americano em Peking, que o Chinez não é guerreado pelas clas-

ses abastadas da sociedade Californense, mas pelo operario irlandez, que possuindo o direito do voto, que o Chinez não sei porque principio absurdo não possue, tem a coragem e audacia de impôr sua opinião aos seus representantes.

Graças a distinctos cavalheiros, que alli encontrei, altamente collocados, quer no commercio, quer na politica, sobram-me informações para orientar os meus leitores sobre esse povo excepcional e sobre os multiplos beneficios que materialmente tem trazido á costa do Pacifico.

CAPITULO XII

Os Chinezes na costa do Pacifico.—China Town.—Uma noite entre elles.—Falta de gosto nas suas casas commerciaes a retalho.—Para dormirem não fazem questão de espaço, nem de luz.—Casas chinezas importadoras.—O Chinez: o Irlandez : : o cão : o gato.

Esses typos exquisitos, invariavelmente trajados á moda oriental, côr de cobre, olhos parecidos com almondega e rasgados para dentro, tendo por companheiro inseparavel o rabicho, como symbolo de fidelidade á mãi-patria, são realmente dignos de estudo e observação.

Não ha *touriste*, ainda o menos observador, que chegando á Costa do Pacifico, deixe de visitar *China Town*. E' alli que vai-se formar uma ideia ainda que muito pallida dos usos e costumes de um povo, completamente desconhecido para nós Brazileiros.

Estudando-o por todas as suas fórmas é que se poderia aferir o seu gráu de uti-

lidade para todos os misteres da vida. Elle é, não ha duvida, explorado pelas classes productoras do paiz como elemento constante de trabalho, mas é preciso que saibam que nessa partida de xadrez nem sempre o branco leva-lhe vantagem.

O Chinez tem os fóros de povo civilisado, com a differença, porém, de viver sob o influxo de uma civilisação toda peculiar ao Oriente.

O missionario entra no seu campo e procura proselytos, assim como o *politician* debalde tenta fazel-o *armazem de pancada* para desse effeito apanhar os votos irlandezes.

Completamente tradicionaes nos seus usos e habitos, elles proseguem seu caminho ainda que a civilisação do Occidente lhe ponha os maiores embargos.

São vistos em toda a parte, nas ruas e nas praças publicas ; nas igrejas e nos theatros ; e *Young America*, (*) que é um menino muito travesso, até diz que é impossivel atirar-se uma pedra para qualquer direcção que não acerte directamente na cabeça de um Chinez.

(*) Termo applicado ao menino Americano

A area propriamente da *China Town* tem por limite a rua *Pacific*, de um lado, e a rua *Sacramento*, do outro, e da rua *Kearney* ao *Stockton*; ao todo, cinco quarteirões por dous, no coração da parte mais velha da cidade.

Para visitar-se aquelle *formigueiro* é sempre conveniente ir-se a policia e desta requisitar-se um guarda que sirva de guia para aquelle passeio, não que o Chinez nos possa fazer o menor mal, mas para evitar roubos e violencias dos proprios nacionaes, que aproveitam-se da fraqueza moral do Chinez para alli exercerem suas rapinagens.

Entrando-se naquella parte da cidade, fica-se admirado como aquella pequena area possa accommodar tanta gente. Estão-se trançando a qualquer hora do dia e da noite, e até bem tarde, sem o menor estrepito e barulho. Parecem-se com as formigas, por causa das communicações subterraneas que existem entre suas casas. Se por acaso um chinez commette um furto ou um assassinato é extremamente difficil apanhal-o naquellas paragens. E' ligeiro e flexivel de corpo, e da justiça some-se com mais facilidade do que um rato. Quando, porém, elles

dão agua pela barba aos mantenedores da ordem publica, é nas inquerições e identificações de testemunhas.

Mentem muito ou mais do que os brancos e com a grande vantagem de se parecerem muito uns com os outros.

Notei que no seu mercado não havia gosto na apresentação dos objectos expostos á venda. Tudo está alli disposto sem ordem e sem criterio.

O que querem é vender e *só* a dinheiro.

Ao lado das quinquilharias, cutelaria, fazendas, via-se alli mesmo o porco já pellado, peixes fritos de todos os tamanhos, navalhas, patos vivos ou mortos, emfim um systema de negocio de quem quer vender tudo, e ao mesmo tempo.

Quando alugam qualquer edificio para morada, dividem-o e subdividem-o em partes tão pequenas, que admira como tanta gente alli possa dormir. Note o leitor, não estou escrevendo um romance. Nos quartos fazem prateleiras, como se usa nas lojas, e em uma dellas o chinez passa a noite, com a maior commodidade! Vi alli um hotel por elles alugado, de tres andares, que me disseram

possuir 70 quartos, onde accommodavam-se todas as noites 1.600 chinezes!

Apezar do aperto em que vivem, (pois, ha logares que nunca receberam a luz do dia) os Chinezes gosam saude e são de um aceio admiravel. O aceio é para elles considerado um dos principaes deveres da sua religião.

Não limitei-me sómente a estas observações; visitei seus templos, seus restaurants e casas commerciaes, algumas importantissimas. A alguns negociantes chinezes fui devidamente apresentado pelo Sr. William T. Colleman, representante talvez da casa commercial mais importante de S. Francisco, e de quem tive o prazer de receber muitas finezas, graças aos bons officios do nosso consulado brazileiro em New-York.

Estes negociantes, que se distinguem do chinez commum por um botão encarnado na corôa do bonet, fazem um grande commercio de importação de chá, arroz, carne de porco salgada e outros artigos miudos da China. Como o homem do Celeste Imperio procura comprar o menos possivel do *Melican man* bem como do *Irishman*, não admira que as casas chinezas tenham alli grande importancia, não

só pelas grandes vendas e transacções com uma população chineza de mais de 150 mil almas, como tambem pelo grande credito que tem sabido manter entre as grandes praças de S. Francisco e Honkong. «O negociante chinez, dizia-me Mr. Colleman é muito vivo no seu trato commercial, mas muito honesto nas suas transacções. Nos bancos é raro protestar-se a letra de um negociante chinez.»

Seja o que fôr o que é exacto é que a má fé delles contra nós é grande. Procuram viver bem com os naturaes, pagando todos os impostos, quer legaes ou illegaes, sem tugir nem mugir.

Esta prevenção dos Chinezes é tão grande, sempre a espera de uma revolução por parte dos irlandezes contra elles, que por tactica do governo chinez, o seu consul alli é um individuo de nacionalidade americana, o Coronel Bee, que exerce o logar vencendo annualmente o ordenado de 10.000 dollars.

CAPITULO XIII

População chineza.—Receio infundado de entrada de chinezes em massa para o Brazil.—As seis companhias e sua influencia.—O chinez faz da união a força.—Dinheiro deixado pelos chinezes em 1861.—Habeis imitadores e muito economicos.—Engenhos centraes de assucar em Honolulu com operarios chinezes.—O ex-governador Low e sua opinião sobre os chinezes.—Horticultores e criados chinezes.—O desenvolvimento material da California é em grande parte devido ao chinez.—Opinião do representante da *Mission Woolen Mills*.

E' difficil calcular-se a população chineza no Pacifico, porque os chinezes estam sempre em uma lufa-lufa entre S. Francisco e o Celeste Imperio. Nem se póde fazer o recenseamento com criterio. O que é visto é apanhado logo para pagamento de impostos, e quer o tivesse pago ou não, sempre virá a cahir na rede do fisco, em logar de outro que não fosse apanhado.

Pelas informações que colhi a população mais ou menos acceita é a seguinte, dividida entre as seguintes companhias :

Companhia Ming Yungo . .	63.000
» Wap Wo . . .	43.000
» Kong Chow . .	13.000
» Yung Wo . .	13.000
» Sam Yapp .	11.000
» Yen Wo . .	6.000
Dispersos	1.000
Total	150.000

Deste numero 65.000 estam na California e 30.000 em S. Francisco. Do total 50.000 são mulheres, meninos e negociantes.

A immigração chineza é toda feita pela ilha de Honkong, possessão ingleza, vindo toda da provincia chineza de Kiangtung.

Em 1851, ha 35 annos, não havia 4.000 chinezes em S. Francisco, mas com a noticia de muito ouro e fertilidade espantosa do paiz, seguiram para alli 18.000 em um anno, cujo grande exodo alarmou os Californenses.

No nosso paiz não falta quem diga que o elemento chinez, se para aqui se dirigisse, tenderia a annullar completamente o elemento nacional, como se a raça latina, a qual pertencemos, e a teutonica, não tivessem bastante autonomia para resistir a essa annullação imaginaria.

Por ventura os Americanos, apesar da grande immigração de tantas nacionalidades,

completamente heterogeneas entre si, para seu vasto paiz, já perderam os traços geraes e caracteristicos de descendentes da velha Albion?

Não, por certo. O caracter e tradicções de uma nacionalidade estão de tal modo arraigadas na sociedade que só uma immigração em massa, e superior á existente, poderá subvertel-a. Mas é crivel contar-se com essa immigração?

Assim, pois, penso que os estrangeiros que para aqui vierem, sejam elles catholicos ou budhistas, latinos ou teutonicos, forçosamente terão de sujeitar-se aos principios cardeaes que regem a nossa communhão politica. Se forem menos civilisados do que nós, terão de apressar mais o passo se quizerem nos acompanhar e vice-versa. Esta ultima hypothese parece dura para o estrangeiro que fôr mais intelligente do que nós, mas que culpa tem o genero humano que o planeta Terra tenha taes climas differentes: o frigido, o temperado e o torrido.

Experimentalmente vemos, que as divisões que se notam entre as nacionalidades, quer em materia politica, quer em materia religiosa têm sua explicação na observação dos phenomenos que todos os dias presenciamos.

Alguns escriptores têm querido dar *ás*

seis companhias, a que me referi, um poder absoluto sobre os chinezes, poder que de facto não possuem. Não passam de associações protectoras e de beneficencia inherentes ao caracter do povo chinez. A sua missão principal é empregar seus patricios nas grandes fabricas e estabelecimentos agricolas, naturalmente tirando dalli uma porcentagem pela agencia. E tanto o chinez não está preso alli a agente algum, que trabalha quando quer e pelo preço que bem estipular. Assim entendem todos com quem procurei informar-me. Elles de si proprios é que buscam a sua protecção para garantia do seu trabalho, visto acharem-se os chefes das companhias em relações directas e amistosas com as grandes companhias industriaes de S. Francisco.

O coronel Bee, Americano de New-York, e consul chinez alli, esteve-me dizendo em uma visita que a elle fiz, que se os chinezes viessem para o Brazil adoptariam o mesmo systema de protecção reciproca, emigrando aos 200 ou aos 300. Elles não são fracos physicamente fallando, pois trabalham em mineração e estradas de ferro, mas são tão timidos, que não ha meio de enfrentarem um branco. O seu principal objectivo é ganhar dinheiro com mansidão, voltar

para a terra e mais tarde empurrarem os parentes para tambem ganharem dinheiro.

São muito exactos no que contratam, mas empregam todos os meios possiveis para se sahirem bem de uma barganha. Ainda não me esqueço de um chinez na estação de Humboldt, instando muito com o chefe da mesma para lhe deixar por menos a passagem, que como se sabe rege-se por uma tabella fixa e invariavel. Foi preciso o chefe ameaçal-o de não poder elle continuar a viagem se caso persistisse na sua imprudencia.

O sexo feminino está alli mal representado, pois, a excepção de 150 pouco mais ou menos, o excedente é de esphera baixa, por consequencia dadas a prostituição.

E' interessante dar-se aqui uma estatistica do dinheiro deixado pelos chinezes na Costa do Pacifico em o anno de 1861.

Eil-a (*)

	DOLLARS
Direitos pagos por importadores chinezes . . .	500.000
Fretes a navios vindos da China.	180.000

(*) Chinese Immigration, Seward, Late U. S. Minister to China.

	DOLLARS
Passagens em navios . .	382.000
Imposto por cabeça . .	7.556
Aluguel de botes . . .	4.767
» » armazens e trapiches	370.000
Licenças, taxas etc. no Estado	2,164.273
Commissão a commissarios e leiloeiros	20.396
Dragagem em S. Francisco	59.662
Serviço de vehiculos no interior do Estado .	360.000
Gastos com productos americanos em S. Francisco	1,046.613
Gastos com productos americanos no Estado .	4,953.387
Gastos com companhias de seguros	1.925
Gastos com seguros maritimos	33.647
Despezas com passagens de vapores do Sacramento á Stockton	50.000
Despezas com passagens de diligencias nas minas .	250.000
Despezas com fretes em vapores fluviaes . . .	30.000

	DOLLARS
Custo da agua a mineiros chinezes	2,160 000
Questões de minas ainda litigiosas compradas por chinezes	1,350.000

Por esta estatistica, formulada especialmente por uma commissão da legislatura de California em 1862, e que eleva-se á enorme somma de quasi 14 milhões de dollars (só em um anno) ou mais de 30 mil contos da nossa moeda, poder-se-ha fazer uma idéa da grande influencia que exerce o chinez para o desenvolvimento das riquezas materiaes do Estado da California.

E' difficil saber-se o quanto ha em bens de raiz possuido por chinezes, que sempre fogem de empatar capitaes em um paiz onde a qualquer hora temem abandonar tudo, em vista de um pronunciamento irlandez.

São muito promptos para o pagamento de imposto e é sabido que da *China Town* não vem barulho, nem nunca se vê os seus nomes na lista dos delinquentes por falta de pagamento.

São muito industriosos, começam cedo e acabam tarde com o serviço.

Tem seus vicios como todos os povos, mas limitam-se a furtos de pequeno valor.

Tambem se não roubam é por faltar-lhes coragem e audacia. A sua maior viveza nota-se nas barganhas com a maxima paciencia ; em apanhar nas minas aquelles fios de ouro que escorregam das mãos prodigas do mineiro Americano ; em assar o porco inteiro para evitar trabalho de mais um cosinheiro e de mais lenha.

No genero de imitar não ha quem os iguale. Ha até uma anedocta sobre o chinez, que não ha quem não a conheça. Conta-se que um Americano fôra a um alfaiate chinez e authorisou-o a fazer um par de calças igual aquelle que trazia para medida, que por ser já usada trazia um remendo em uma das pernas.

Qual não foi o seu desgosto, quando depois de 3 dias, indo a officina do alfaiate, este apresentava-lhe o par de calças exactamente igual aquelle que elle havia deixado como medida e até com um remendo?

A sua utilidade como trabalhadores está nisto : sómente fazem aquillo que se lhes ordena e com uma pontualidade rigorosa. O seu criterio como operario é igual a de

um mineiro que interrogado pelo chefe da empreza do gráo de riqueza de uma tonelada de minerio de ouro, aquelle respondera-lhe: «Não sei, para mim ella vale 4 dollars por dia.

O ex-governador Low, cavalheiro altamente collocado na praça de S. Francisco, e que além de possuir importantes propriedades naquella cidade tambem é dono de um engenho central em Honolulu, referiu-me que de 200 chinezes que tem no seu engenho, nunca teve o menor incommodo com elles. Trabalham 10 horas por dia em qualquer serviço e na hora de descanço querem estar a sós, sem que ninguem os incommode Não se negam tambem a prestar serviço extraordinario, supponhamos á noite, comquanto se lhes pague um tanto pelas horas de serviço.

Estas informações tambem tirei-as dos contractos por elles celebrados com as companhias de mineração e estradas de ferro.

Fazem sempre questão de ser pagos em ouro ou ao cambio do dia para não soffrerem oscillações nas remessas para a China.

« Se o Brazil, dizia o ex-governador Low,
« planta canna e café em grande extensão
« resolverá facilmente o problema utilisan-

« do-se do trabalho Chinez. São muito « doceis e toda e qualquer ordem dada a « elles por intermedio do capataz (que é « com quem aqui exclusivamente nos en- « tendemos) é executada fielmente.

« Duvido que consigaes a sua ida para « o Brazil por ser um paiz muito distante « da China e nutrirem elles até agora, ex- « periencias muito amargas da America « Central e do Perú, onde não só foram « castigados corporalmente, como até postos « em leilão seus contractos.»

Foi então que no decurso dessa conversação mostrei-lhe quão enganado estava elle comparando-nos com o povo do Perú. Provei-lhe até com photographias de fazendas que até nossos negros, comquanto não estivessem no goso da sua liberdade, tinham melhores habitações do que os Chinezes.

Não é sómente na lavoura e na industria que o chinez entra em concurrencia com o Irlandez e outros povos. Tambem no lar domestico elle se apresenta, quer como cozinheiro, quer como criado.

São muito aceiados e de uma presteza admiravel.

Fazem serviços de 3 criados dos nossos. Em geral um bom servente vence 30 dollars por mez, fazendo todo o serviço de co-

zinha, lavar, engommar e arranjo de quartos de uma familia pequena.

São muito reservados e é raro vêr-se um chinez rir e chorar, mas denunciam sua tempera ficando brancos como marmore. Quando se exaltam desejariam vêr seu inimigo picado em pedaços.

Na California faz-se muito commercio de fructas, que são preparadas e em latas remettidas para o estrangeiro. Neste serviço, como em horticultura, deseccamento de pantanos e lagoas empregão-se muitos chinezes, que resistem perfeitamente a febre malaria endemica nos logares baixos e sem viração. Tambem trabalham em machinas de costura, fabrico de cigarros e outros officios.—Não ha quem não sustente em S. Francisco, refiro-me ás classes abastadas, que o desenvolvimento material da California é em grande parte devido ao chinez. Foi elle quem construiu em grande parte a linha do Pacifico e desenvolveo a cultura do trigo que na opinião de Mr. Colleman é o melhor ouro que California hoje possue. E o que affirmo é uma verdade tirada de documentos authenticos que formam o importante livro *Chinese Immigration* por G. F. Seward ex-ministro americano em Peking. Naturalmente, onde os

homens da costa do Pacifico poderiam encontrar braços com mais vantagens do que o chinez?

S. Francisco, como toda a costa, está muito longe da Europa e antes, como depois da abertura, o transporte de mercadorias foi sempre feito pelo cabo Horn ou estreito de Magalhães, parte mais meridional da America do Sul. Para o proprio estabelecimento das poderosas machinas que extrahem ouro em Nevada foi preciso dobrar-se o cabo. E' claro, portanto, a simples inspecção, que diante dessa vasta distancia cheia de perigos e revezes, ninguem se abalançaria a emigrar para o Pacifico, a não ser por um desses poderosos motivos que faz o homem abandonar patria e familia, emfim tudo—o ouro.

Tanto o chinez se impõe ainda mesmo áquelles que não o apreciam como povo que vou tomar a liberdade de transcrever nestas notas de viagem a opinião autorisada do representante da *Mission Woolen Mills* que falla por experiencia propria.

« Temos aqui, como empregados, quasi « 1.000 Chinezes. Pagamos aos brancos « 200 % mais do que aos Chinezes. Al- « guns destes são iguaes aos brancos em « serviço, porém muitos delles ganham de

« 90 centavos a um dollar por dia. Todo « o dinheiro dispendido com trabalho chi- « nez é pago a um só individuo. Estabe- « lecemo-nos com trabalhadores brancos, « porém mais tarde, entendemos que de- « viamos juntar mais 75 rapazes, compran- « do-se mais machinas. No segundo dia « os rapazes foram a uma excursão na ba- « hia e não voltaram para o serviço, senão « no dia seguinte. Fallamos-lhes sobre « essa falta e respouderam-nos que tal facto « não se repetiria ontra vez. Um dos ra- « pazes pôz então o paletot no hombro e « disse aos outros: Elle que vá para o in- « ferno. E muitos delles deixaram o es- « tabelecimento. Já não podiamos mais « confiar nos rapazes. Mais tarde junta- « ram-se 9 raparigas. Um dia fui ao es- « tabelecimento e não havia vapor. Per- « guntei: O que ha? O mestre respon- « deu que as raparigas ainda não haviam « voltado de uma festa. Ellas têm tantos « dias feriados: dia de Natal, Anno Bom, « 4 de Julho, dia de S. Patricio e muitos « outros. Fui de mal a peior, e quando » convenci-me que as raparigas preferiam « antes divertir-se na rua a trabalhar ho- « nestamente, demitti-as todas incontinenti.

« Note V., sou opposto ao trabalho « chinez, mas é forçoso que eu diga, que

« em S. Francisco não se póde contar
« com os operarios nacionaes. Se aqui
« não houvesse chinezes, nossas fabricas
« estariam, quando não fechadas total-
« mente, ao menos mal dando para o
« custeio. Seriamos forçados a mandar
« vir da Inglaterra os artefactos mais sim-
« ples. O calçado seria comprado em
« Boston, se não fosse feito aqui.

« Não seria uma vergonha para nós
« mandar-se a obra prima para os Esta-
« dos da Nova Inglaterra, como Massa-
« chussets, Rhode Island, Vermont e ou-
« tros para dalli voltar para nós, outra
« vez, em fórma de artefactos? Aqui
« vendemos artigos tão baratos como no
« Leste, com a differença que o trabalho
« alli é mais barato do que o nosso.»

Muito de proposito transcrevo o juizo do representante da *Mission Woolen Mills*, que declarando-se não partidario do trabalho chinez todavia *tolera-o* no seu estabelecimento.

Parece-me que um povo laborioso como o chinez que lucta com tanta hombridade pela vida, arcando, em toda a parte, contra tantos preconceitos sociaes—e ainda mais—guardando em toda a parte que se dirija a sua autonomia e tradicções de

povo oriental tem um direito muito sagrado ao respeito dos povos que se acobertam sob o tecto do christianismo.

CAPITULO XIV

Criminosos chinezes.—Restaurants e templos.—Deuses chinezes e seu calendario.—Jogadores chinezes e medidas preventivas contra a policia.—Theatros e seus dramas.—Funeraes e ceremonial.—Natal e seu dia predilecto.—Bons arithmeticos.—O opio e seus máus effeitos.—A lingua chineza.—Associações christãs em S. Francisco.

Entre os Chinezes ha alguns criminosos de alguma celebridade. Dezesete por cento dos presos da penitenciaria de São Quintino são Chinezes.

Como já disse, é trabalho difficil condemnal-os, porque falsas testemunhas não faltam no mercado, mas, tambem sob o menor prctexto são engaiolados. Essa especie de prejuizo que o Americano tem para com o chinez é ainda exacta com relação ao negro, que mais tarde tenderá a desapparecer.

—Os restaurants chinezes são logo reconhecidos á primeira vista pelos seus signaes conspicuos e por uma phraseologia ingleza toda peculiar á elles.

Em geral são de 3 andares e notei que quanto mais se sobe mais aristocratico se é em sua opinião.

Não tomei alli refeição alguma, limitando-me apenas a uma chavena de chá da China que é na verdade delicioso. O chinez não põe chá no bule com agua em estado de ebulição como nós, para despejal-o depois na chicara; mas o fazem por partes pondo um pouco de pó em cada chicara com agua quente, cobrindo-a incontinenti com o pires. D'ahi a minutos é que passam aquella poção para outra chicara para então beber-se. Entre os chinezes bebe-se muito bom chá, muito principalmente no restaurant onde estive, que me affirmaram ser do custo de 7 dollars ou quasi de 20$000 da nossa moeda, a libra.

Nas suas refeições, é preciso que saibam, comem muita carne de porco, frango, marreco, ostras fritas e uma grande variedade de peixes salgados.

Não são todavia muito apreciadores do *beefsteak* em virtude de uma lenda que diz que infeliz será todo o chinez que comer carne de vacca. Afinal o seu prato predilecto é o arroz exclusivamente importado da China, sendo na refeição in-

separaveis os dous páosinhos. Bebem, como os Allemães, muito pouca agua, e nas visitas em logar do café, servem chá em umas chavenas muito pequenas e todas ornamentadas. Mesmo nas casas de negocio os chinezes receberam-me com chá.

Pelo que acabo de expender vê-se que a China é rica, quer no reino animal quer no vegetal, pela variedade de iguarias que notei em suas refeições.

—Em qualquer sitio onde se agglomerem 200 a 300 Chinezes é impossivel deixarem de ter seu templo e o seu theatro. Pouco se importam com o exterior mas na parte interna vê-se muita riqueza e gosto artistico que honram seus sentimentos religiosos. Existem em S. Francisco 5 templos ou pagodes sendo o mais popular o que está situado no Brooklyn Place.

O templo na rua Jackson foi edificado sob a invocação de Ma-Chu, a deusa dos marinheiros, com 2 companheiras ao lado. E' muito popular entre os lobos do mar e quando invocam sua protecção deitam-se debruços, chorando e em tom piedoso exclamando «Minha Avó Ma-Chu, «Minha Avó Ma-Chu».

Mas o que é mais singular, é que emquanto uns fazem devoção chorando, ou-

tros riem-se e tratam de assumptos completamente estranhos áquelle logar, ao mesmo tempo.

O deus Marte Chinez está na rua Pine e chama-se Kwan Tai, achando-se no mesmo edificio o asylo de Kong-Chow, que possue uma grande sala para deliberações. Além dos seus innumeros deuses devo citar-vos Wah Tah, o deus da medicina que traz sempre na mão esquerda uma pilula bem preparada e que é consultado diariamente sobre todas as molestias e o Tsoi Pak Shing Kwun, o deus do dinheiro que carrega em uma das mãos uma barra de ouro.

Este é o deus predilecto dos banqueiros e negociantes.

Não ha dias certos para serviços divinos, excepto nos dias festivos como anniversario natalicio de deuses, etc. O calendario determinativo destes dias é o mais absurdo possivel. Ha mezes grandes e mezes pequenos.

—Os chinezes são muito amigos de jogo e de uma ligeireza e sagacidade admiraveis, tendo para isso estudado todos os meios de saccar dinheiro de seus semelhantes.

As casas de tavolagem são muitas, e para não serem perseguidas pela policia, usam de taes artificios, que torna-se difficil pilhal-as em flagrante. Para evitar que os agentes de policia encontrem-os á mesa de jogo, elles postam espias em todas as entradas e sahidas da casa, de modo que ao menor signal, põem-se em debandada, deixando como vestigios, a mesa, algumas cadeiras e um montesinho de feijões. O feijão é usado em logar de dinheiro, para evitar que a policia colha prova evidencial de que estavam commettendo um delicto.

Ha seguramente na *China Town* 200 casas de tavolagem, que a despeito da muita actividade desenvolvida por seus donos, fornecem uma excellente somma á policia, semanalmente.

Conheci alli dous theatros na rua Jackson, abaixo da rua Dupont.

Sómente levado pela curiosidade para alli dirigi-me á noite acompanhado de um *policeman*.

O theatro é pequeno e poderá accommodar, no maximo, 800 pessoas. As entradas variam de preço, custando aos Chinezes 2 bits (*) e aos *barbarians* (**) 4

(*) Um bit é equivalente a 500 réis da nossa moeda.
(**) *Barbarian* ou barbaro, qualificativo empregado pelos chinezes aos naturaes do paiz.

bits ou um dollar. Achei o theatro sem gosto algum artistico e infelizmente ainda sujo. Por felicidade accendi o ultimo charuto que tinha no bolço para de algum modo neutralisar o máu cheiro que se sentia em toda a platéa do theatro. A orchestra que não passa de uma collecção de guitarras e flautins de sons muito agudos é simplesmente infernal e até admira como aquelle todo desafinado fosse ouvido com tanta attenção e applaudido no final. Os musicos assentam-se em cadeiras collocadas no palco e quando faz calor, não usam de muita ceremonia para com o publico, pois alli mesmo vi alguns tirarem o casaco para estarem mais a vontade.

Recordo-me até do drama que me foi explicado pelo *policeman* que alli vai todas as noites com um ou outro *touriste*. Um official chinez é assassinado na praça publica por crime de rebellião e cahe estendido no palco sob as maiores agonias. Parecia que era caso de cahir o panno, mas como o chinez o acha superfluo, em menos de um minuto o *defunto* levantou-se muito lepidamente, debaixo de vivos applausos por parte do publico.

Os dramas chinezes são em geral de assumpto historico, rebeldes trabalhando

para a conquista do poder constituido: mensageiros mandados com o fim de obter negociações, e quando mal succedidos, encontros entre as duas facções rivaes. O espectaculo nunca termina-se sem exercicios acrobaticos com uma pericia e habilidade taes de envergonhar os nossos homens de circo. No palco chinez não apparecem mulheres.

Vai-se a um theatro chinez, ouvem-se aquellas vozes finas e desentoadas e sahe-se convencido de que se ouviu actrizes chinezas se não nos dissessem o contrario.

Quando representam alguma comedia a plateia não deixa de dar grandes gargalhadas, cortando de repente com altas exclamações, mas em geral seu rosto é immovel, salvo quando distrahe-se em comer amendoim torrado, canna de assucar que são vendidos alli mesmo na plateia.

Os funeraes são feitos com muita pompa e respeito. O corpo é depositado no passejo da casa com um porco assado e uma variedade de iguarias em roda do caixão. As carpideiras, os ministros da igreja e a orchestra de pios, guitarras e flautas com seus sons desafinados para espantar

os máus espiritos. Afinal o corpo é levado e enterrado no cemiterio seguido daquelle prestito. As iguarias, inclusive o infallivel porco assado, tambem acompanham o cadaver e são depositados na mesma sepultura.

Depois de alguns annos os ossos são retirados e remettidos para a China, como ultima morada.

—Os chinezes têm especial predilecção por certos dias, como Natal. Todo e qualquer trabalho cessa daquelle dia até uma ou duas semanas, notando-se ser este o unico periodo do anno em que os Chinezes fecham seus estabelecimentos.

Ha casas commerciaes que se conservam fechadas até 30 dias, aferindo-se por ahi o seu gráu de importancia perante as outras. Tambem nesse dia entregam-se ás libações e outros prazeres, visitam seus amigos e alguns ha que fazem dezenas de visitas por dia, habito este tirado dos proprios naturaes do paiz.

Como contadores arithmeticos, são habilissimos. Sommam, subtrahem, multiplicam e dividem numeros quasi que automaticamente. Para escrever usam papel de arroz, tinta da India e lapis de cabello de camelo. Talvez o seu companheiro

inseparavel seja o cachimbo com o competente opio. Fumam não só nas casas, como nos escriptorios e até nas igrejas, para mais tarde ficarem no maior estado de estupidez e molleza. Durante muitas horas ficam, como o John Bull, depois do jantar, completamente inhabilitados para todo e qualquer trabalho de espirito ou material.

Dizem que o opio uma vez provado não póde ser abandonado mais; assim como tambem asseveram que esse veneno com que a Inglaterra mata milhares de chinezes por anno, é capaz de enfraquecer em menos de 3 annos a melhor constituição humana.

Muita gente pergunta, com certa curiosidade, porque não se aprende a lingua chineza, como a franceza, a ingleza, a allemã, etc. A explicação é facil. O idioma chinez é difficillimo e imaginem que elles não tem alphabeto e os caracteres usados são mais de 60.000, quando nós só possuimos 25. Existe, é certo, um idioma escripto que é o chinez classico, mas em compensação ha 20 ou mais dialectos, e nestes ha symbolos que se pronunciam de 20 modos differentes. Imaginem em que cahos fica collocado quem queira decifrar e digerir seus signaes hyeroglificos ou symbolicos.!

Ainda mais: Os dialectos têm tambem sua grammatica e cada um de seus numerosos caracteres toma um sentido differente do que se deseja, desde que haja a menor mudança no tom ou na inflecção.

Não posso terminar este capitulo sem render um preito de justiça e homenagem ás associações christãs do Estado da California pelo zelo e espirito caritativo que ellas tem mostrado e procurado incutir no espirito do publico Americano, em prol de uma raça tão mal julgada e apreciada pelos Europeus e seus descendentes.

Essas associações, sem outro apoio publico senão a pratica dos bons principios, além de chamal-os ao gremio da fé christã, exortando-os na pratica do bom procedimento quer publico, quer particular, procuram educal-os. Para este fim tão nobre quão humanitario, ha missões, sendo a mais antiga, a dos Presbyterianos, que fica a rua do Sacramento canto da de Stockton, onde existe uma escóla nocturna aberta todas as tardes, excepto os domingos quando ha lugar serviços divinos. Dous dignos Americanos, e que fallam o dialecto de Cantão, o Rev. Dr. Loomis e Dr. John Kerr e suas distinctas senhoras, acompanhadas de 6 Americanos e 3 ajudantes chinezes formam a

instituição que tão bons serviços têm prestado a essa gente.

Além da escóla ha ainda uma casa de caridade para as mulheres chinezas, que tiradas do lodo da ociosidade e da prostituição, são alli instruidas em diversos misteres, como a arte de coser, de fazer bordados e outras prendas domesticas que tanto contribuem para nobilitar mais a mulher aos olhos da sociedade. E esses corações bemfazejos tudo sacrificam : honras, posição, dinheiro sómente com esperança de maior felicidade na vida de além tumulo. A missão presbyteriana tem uma igreja com 63 membros, além de uma methodista com 35 e tambem possúe uma igrejazinha em Los Angelos, em condições muito lisongeiras.

Calcula-se, que entre os chinezes, ha mais de 1.000 que renunciaram formalmente a pratica da idolatria.

E assim luctando e sempre com a maior intensidade, os discipulos de Jesus Christo continúam seu caminho, batendo com a protecção que prestam a esses pariás, os preconceitos sociaes que ainda são muitos em pleno seculo XIX.

CAPITULO XV

Uma carta aberta de um Chinez, (*) residente em Melbourne, Australia.—Elle compara o procedimento dos Inglezes, Francezes e Norte-Americanos nos annos de 1842, 1844 e 1860 com o destes ultimos annos.—Tratado de Burlingham entre a China e os Estados-Unidos.—Confucio e Mencio.—O Chinez não emigra para roubar ou mendigar, mas para trabalhar.—Crueldades praticadas pelos filhos de John Bull contra os Chinezes.—Milhões de homens mortos de fome na China, por falta de trabalho.—Keng-Meng explica porque os Chinezes não *emigram de seu paiz com suas mulheres.*

Parece-me que assaz foi dito, no ultimo capitulo, para mostrar que o Chinez ainda póde ser um factor importante para o desenvolvimento do Brazil, principalmente no norte do Imperio; si, por ventura esse povo para alli encaminhar-se.

Como os individuos assim tambem são as nações. Habituaram-se tanto os Europeus e descendentes a fallar mal da China,

(*) Keng-Meng, representante dos Chinezes na Australia; *F. Journet Australie: Description du pays, institutions et travaux publics.*

dos usos e habitos dessa nacionalidade, que até mesmo aquelles que nunca procuraram estudal-a, não duvidam atirar-lhe baldões.

E' possivel que haja alguma causa nessa apreciação cruel e injusta contra a China, bebida talvez com a maior sinceridade em fontes impuras; em todo o caso não é justo, que se condemne ninguem sem primeiramente ouvil-o.

O leitor benevolo ha de consentir que eu transcreva para este livro uma carta aberta de Keng-Meng, homem illustrado e criterioso e que com a maior firmeza de principios defende o seu paiz, infelizmente calcado em seus sagrados direitos pela prepotencia ingleza. E' que a Inglaterra, nas suas relações sociaes e commerciaes com os outros paizes, adoptou duas nórmas de proceder: para com os poderosos empregava a phrase *Right makes might*, o direito faz a força, e para com os fracos, *might makes right*, a força faz o direito, justamente o inverso.

Eil-a:

« Consenti, diz elle, que eu lembre « aos habitantes destas colonias em que « circumstancias começou a immigração chi- « neza. Até 1842 viviamos perfeitamente « separados do mundo. As nações da Eu- « ropa occidental e com especialidade a In-

« glaterra disseram: Tal não póde ser— « e pela força das armas lavrou-se entre o « Governador de Peking um tratado abrin- « do os portos do Imperio ao commercio « britannico. Os Estados-Unidos, em 1844, « tiveram os mesmos privilegios. Em 1860 « os enviados Inglezes e Francezes, de com- « mum accôrdo, quebraram a resistencia « que S. M. Imperial e os Mandarins oppu- « zeram á prolongação de certos direitos « impostos e dictaram em Peking um se- « gundo tratado que garantia as duas nações « a mais plena liberdade de commercio e « concedia aos chinezes a mesma recipro- « cidade em seus territorios.

« Em 1861, entre os Estados-Unidos e o « Imperador da China fez-se o tratado de « Burlingham, sendo concedidos, aos Norte- « Americanos, os mesmos direitos que ti- « nham os Inglezes e Francezes, na China, « e, abrindo, como era justo e equitativo, « os Estados-Unidos á immigração chineza.

« Cumpre observar que nunca procu- « ramos essa emigração de nossas popu- « lações, e que, pelo contrario, foram as « potencias do Occidente, com a artilharia « formidavel que a sciencia moderna lhes « descobriu, que abriram os portos do Im- « perio e insistiram que assim ficassem.

« Com effeito nos disseram : Nós entra-
« remos em vosso paiz e delle sahireis.
« Não supportaremos que fecheis vossos
« portos ao mundo, queremos inocular-vos
« a nossa civilisação e convidar-vos a tomar
« parte no concerto das nações. Derri-
« bai as barreiras que vos tem separado
« da raça aryana, adoptai nossos costumes,
« segui nossos exemplos. Assim o fizemos.
« Soubemos que sobre o globo existiam
« vastos espaços quasi despovoados ; que
« podiam sustentar os milhões excedentes
« da Asia e da Europa. Vossos missio-
« narios pregaram entre nós, leram-nos os
« bellos preceitos de vossos escriptores,
« iguaes aos de Confucio e Mencio. Fal-
« laram-nos em fraternidade e disseram-nos
« que o principio fundamental da religião
« dos Inglezes era : Só fazei aos outros o
« que quereis para vós. Esta tambem é
« a opinião do nosso grande mestre.

« Então quando ouvimos dizer, ha quasi
« vinte e cinco annos, que existia um vasto
« continente, maior que a China, contendo,
« apenas alguns centenares de mil indi-
« viduos espalhados nas suas costas ; que
« tal paiz era rico em metaes preciosos e
« de sólo fertil, que não estava senão al-
« gumas semanas de navegação de nossa
« patria, um grande numero de chinezes

« embarcou para esta terra de promissão. « Para ahi forão trabalhar e não mendigar « ou roubar. Fundavamo-nos em tratados « de amisade e estavamos certos de que « um povo civilisado como o inglez, depois « de fazer guerra para trazer a China ao « commercio do Occidente, e espalhar a « civilisação no extremo Oriente, seria « muito feliz em acolher alguns milhares « de immigrantes frugaes, laboriosos, pa- « cientes, doceis e perseverantes vindos do « mais antigo imperio do mundo. Calcu- « le-se o nosso desapontamento, nosso es- « panto, nossa dor depois do que seguio-se !

« Uma colonia de chinezes formou-se sobre « as novas minas de ouro de Ovens, no « districto de Buckland ; erão homens la- « boriosos e inoffensivos que desejavam « viver em perfeita paz com os seus visi- « nhos inglezes, proseguindo sua carreira « de exploradores de ouro, tranquillamente « e em boa ordem como bons cidadãos e « colonos respeitadores da lei. O que po- « rém succedeu-lhes ? Forão expulsos por « outros exploradores, espancados barba- « ramente e suas casas roubadas e depois « queimadas.

« Por certo não seria isto que querieis « que vos fizessem, não foi esta a frater- « nidade pregada por vossos ministros da

« religião e moralistas, nem a que Con-
« fucio nos ensina.

« Como supportar as medidas tomadas
« pelos Inglezes para impedir o engaja-
« mento de marinheiros e empregados chi-
« nezes nos vapores que buscam a Aus-
« tralia ?

« Não se póde negar que nossos com-
« patriotas têm sido optimos colonos. Sem
« elles não se teria tentado cultivar nas
« circumvizinhanças das minas, os legumes
« tão indispensaveis á saúde em um clima
« quente como o deste paiz, e a mor-
« talidade das crianças teria sido muito
« maior.

« Alugai ou vendei um meio acre de
« terreno de má qualidade a um pequeno
« numero de chinezes, e, si fôr possivel,
« transportar um pouco d'agua ou qualquer
« adubo, o pequeno terreno se transfor-
« mará em um fertil jardim, onde as co-
« lheitas se succederão com uma rapidez
« de espantar os jardineiros da Europa.

« Como artistas os nossos compatriotas
« têm prestado serviços a sociedade e como
« mascates, de toda a especie de objectos
« uteis, se têm mostrado infatigaveis, ale-
« gres, serviçáes e pacientes.

« A China tem de superficie 2 milhões « de milhas quadradas, contendo 400 mi- « lhões de habitantes. A Australia mede « perto de 3 milhões de milhas quadradas « e contem um pouco mais de 2 milhões « de habitantes da raça branca e alguns « milhares de negros.

« Em nosso paiz milhões de homens e « de mulheres, sim, milhões—morreram no « ultimo anno de fome, e, perante este « facto, quereis impedir-nos de gozar da « abundancia que a Providencia, ou como « diz o nosso mestre Confucio, o Deus « Grande e Soberano, concede em tal paiz « aos homens industriosos e prudentes ?

« Não tratais de excluir os Allemães, os « Francezes, os Italianos, os Dinamarquezes « os Suecos, (vê-se aqui homens de todas « estas nações). Porque razão excluir os « Chinezes ? Seremos, por ventura, uma « raça inferior ?

« Ninguem ousaria dizel-o, conhecendo « alguma cousa de nossa historia, lingua, « litteratura, governo, vida publica e pri- « vada. Unicamente os que nunca esti- « veram entre nós, que ignoram nossa vida « moral, intellectual e social emittem juizos « irreflectidos, a estes chamal-os-hemos « ignorantes e barbaros.

« Sem duvida existe na China a immo-
« ralidade e nós a deploramos, mas, não
« hesitamos em dizer que esta mancha so-
« cial está menos espalhada entre nós do
« que na Europa e na Australia; dá-se
« proporcionalmente entre os Chinezes
« menos crimes do que entre a população
« europea.

« Podemos affirmar que os nossos com-
« patriotas na sua média são superiores aos
« Inglezes em affeição paterna, respeito á
« velhice, honestidade, bom humor, pa-
« ciencia e fidelidade.

« E' grande injustiça tomar-se como ge-
« neralidade os vicios de uma minoria; por
« este modo tambem poderiamos affirmar
« que os Inglezes castigam á páo suas mu-
« lheres ou que vendem-as por meia ca-
« nada de cerveja, que seus objectos de
« consumo são todos falsificados, e que fi-
« nalmente, a nação ingleza é composta de
« assassinos, glotões, teimosos, prostitutos
« e ladrões.

« Objecta-se que os Chinezes não levam
« suas mulheres e irmãs para a Australia.
« Tal é de admirar depois do tratamento
« que deram aos primeiros colonos de nossa
« raça? Podemos expôr o sexo fragil ás
« violencias com que a *livre* Australia nos

« tem retribuido ? Podemos expôr nossas « mulheres e filhas a serem insultadas nas « ruas pelos *larrikins* de Melbourne ?

« Quanto á immundicia de alguns quar- « teirões chinezes, ha muitos annos que os « paizes do Occidente possuem quarteirões « immundos , e é de esperar, que o pro- « gresso se ha de fazer, como já se tem « desenvolvido em alguns quarteirões de « Shangai, que fariam honra a muitas ci- « dades da Europa. »

Keng-Meng reconhece, não ha duvida, que os salarios de seus compatriotas são inferiores aos dos Europeos, mas diz elle ao terminar esta carta : « Ha Irlandezes no « paiz que lembram-se do tempo em que « ganhavam 4 a 5 shillings por semana em « sua ilha, mas emigrando para a Australia « não se contentavam com salarios supe- « riores aos de seus vizinhos.

« E dar-se-ha o mesmo, d'aqui a algum « tempo, com os nossos compatriotas. Vi- « vendo no meio de um povo que inventou « mil necessidades artificiaes e milhares de « meios de as satisfazer, a despeza do Chi- « nez, na Australia, será igual a do Euro- « peo no seu continente. Os seus habitos as- « similar-se-hão aos de seus vizinhos : aquel- « les que se estabelecerem e casarem-se na

« colonia, (*) conformar-se-hão com os costu-
« mes da terra em que viverem e nem
« serão menos hospitaleiros e generosos que
« seus companheiros inglezes.»

Aqui devo parar. Publicada esta carta, na sua integra, não me é licito commental-a, visto que nada poderei adiantar ao que acaba de escrever Keng-Meng. E' um manifesto nobre e energico atirado como um cartel de desafio, á face da raça aryana que ainda nutre preconceitos contra o Imperio mais antigo do mundo.

Depois de escriptas estas notas de viagem é que começo a avaliar o numero de lacunas aqui contidas.

Si a venda desta primeira edição corresponder a minha espectativa, espero, na segunda, augmental-as, corrigil-as e adornal-as com gravuras finas, que por serem muito caras, não me animei presentemente a fazer dellas uso.

FIM

(*) Em Santo Antonio, Texas, contou-me o Snr. F. Sawen que alli encontrou muitos Chinezes casados com Americanas em plena prosperidade e harmonia.

ERRATA

Na publicação deste livro, principalmente na primeira parte, existem erros que não pódem deixar de chamar a attenção do leitor menos exigente.

A razão é simples: o autor reside em uma cidade muito distante daquella em que se fez a publicação, razão porque não se tomou as devidas cautelas.

Como a questão é mais de fundo do que de fórma, desde já conto com a benevolencia do leitor.

011670